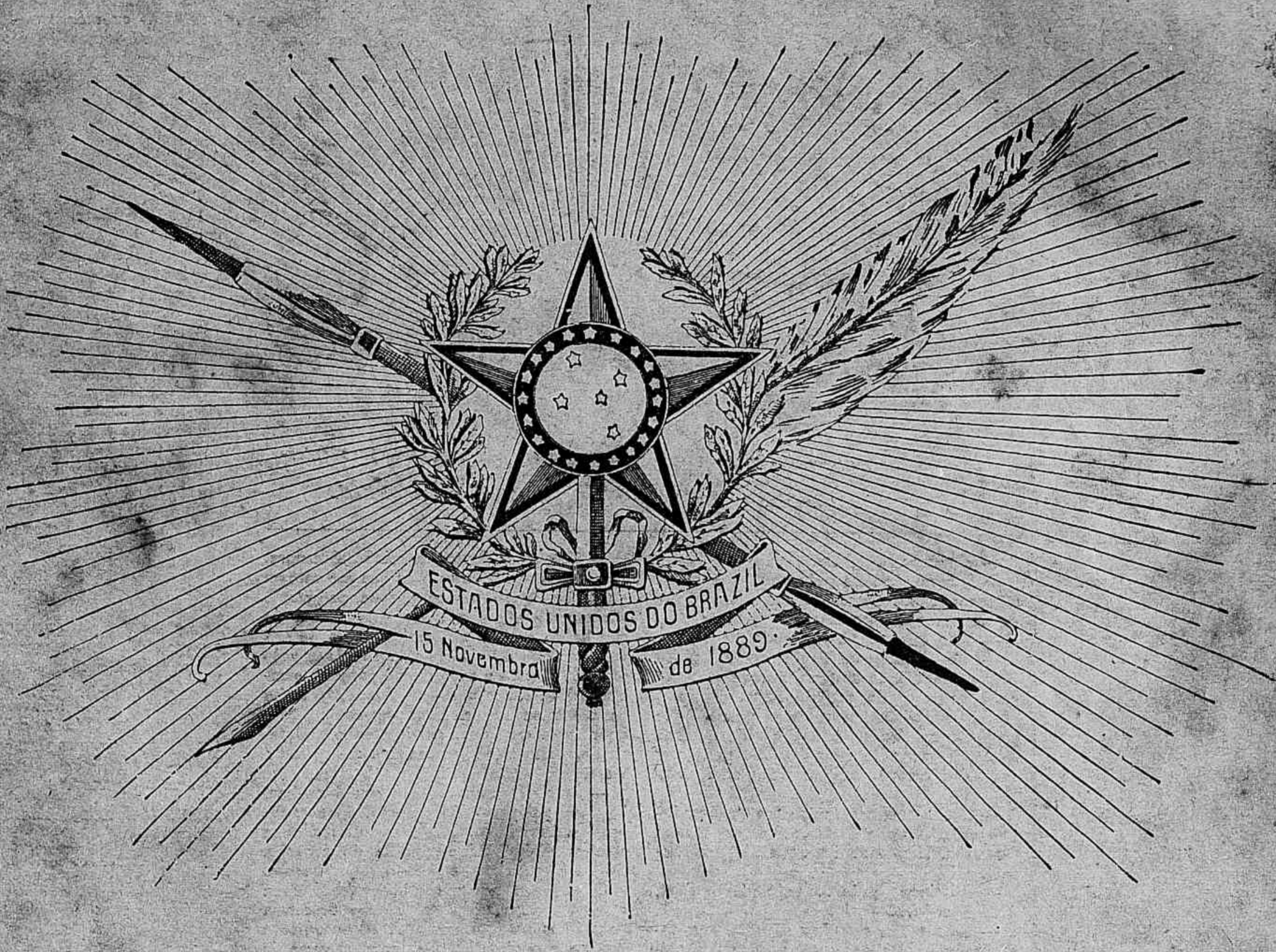


7º ANNO — Nº 138
Numero avulso 1\$000

RIO DE JANEIRO
16 de Fevereiro de 1915

A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

APPARECE NOS DIAS 1 E 16 DE CADA MEZ



COLLABORADORES:

JOAO DO RIO
ALCIDES MAYA
COELHO NETTO
OLAVO BILAC
FELIX PACHECO
EMILIO DE MENEZES
OSCAR LOPES
GOULART DE ANDRADE

VICTOR VIANA
LUIS MURAT
ANNIBAL THEOPHILO
ROBERTO GOMES
C. DA VEIGA LIMA
MARTIM FRANCISCO
CARLOS VASCONCELLOS
TEIXEIRA LEITE, FILHO

ASSIGNATURAS :

CAPITAL FEDERAL E ESTADOS :

Um anno, 20\$000 • 6 mezes.... 11\$000 • 3 mezes.... 6\$000

ESTRANGEIRO :

Um anno, 30\$000 • 6 mezes.... 16\$000 • 3 mezes.... 9\$000

Escriptorio e Redacção:

NO RIO DE JANEIRO :
RUA MOREIRA CESAR N. 164
(ANTIGA DO OUYIDOR)

EM PARIS :
SOCIÉTÉ MUTUELLE DE PUBLICITÉ
RUE ROUGEMONT 14

BRAZIL

PAGINAS FAMOSAS

CEGO

(COELHO NETTO)

A sala regorgitava de clientes que esperavam, em passivo silencio, a vez da consulta. Eram todos ophtalmicos que alli corriam attrahidos pela fama do Dr. Lemos Velho, senhoras, creanças de olhos abafados, guardavam attitudes pacientes. Uns, quas cegos, extaticos, parados num saudoso recolhimento, adivinhavam a noite sem aurora que os separava. Outros, em via de cura, consolados, esperançosos, olhavam com uma ligeira inclinação de cabeça, como os passaros que espiam.

A um canto da sala, pallido, sentado, firme e immovel, as mãos espalmadas nos joelhos, na attitude hieratica dos manes sagrados, um rapaz esperava. O seu olhar azul, de fundo nostalgico, parecia velado de sonhos.

Na sala corria um murmurio piedoso entre as senhoras, principalmente.

— Coitado, tão moço! diziam.

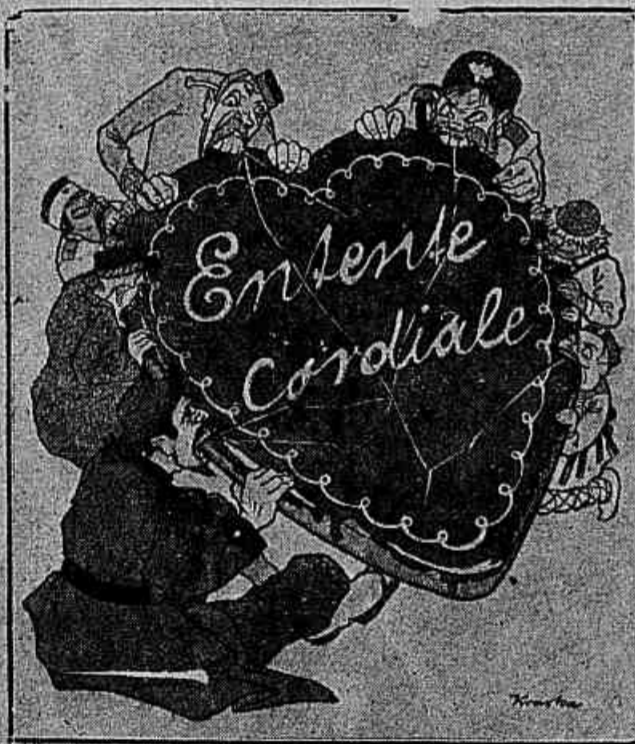
Era o primeiro. Chegára muito cedo ao consultorio e o criado, vendo-o caminhar vagarosamente, tacteando, guiou-o para um canto e fel-o sentar-se no lugar onde ainda se conservava, guardando a mesma postura serena.

Foi o primeiro chamado. O criado correu a avisal-o. Tomou-o pela mão e foi levando a passo lento por entre os outros que o consideravam, uns cheios de compaixão, outros com raiva, prevendo a demora da consulta.

No gabinete, o Dr. Lemos encarou-o, e vendo-o inquieto e firme, a vista fria e morta, na estagnada retina, percebeu, com desgosto, que estava em presença de um caso fatal "le amourose". Tomou-o carinhosamente pela mão e, levando-o para a janella, perguntou:

— Que tem?

A CARICATURA E A GUERRA



Até quando durará ainda o coração de quem todos nós queremos tirar o maior proveito possível!...

(Do "Ulk", de Berlim)

HOTEL

AVENIDA

O maior e mais importante do Brazil, servido por elevadores electricos

AVENIDA CENTRAL 152 A 162

Tendo annexo o

Metropole Hotel

RUA DAS LARANGEIRAS 519

RIO DE JANEIRO

A CARICATURA NACIONAL



SITUAÇÃO FINAL DA GUERRA — O vencedor pedirá esmola, para enterrear o vencido.

(Desenho de Kalixto)

— Estou cego, doutor. O clinico tomou-o pelo mento, a outra mão o occiput, derreou-lhe a cabeça, examinou attentamente as pupilas azues;

— Mas, não vê, absolutamente?

— Absolutamente. Tenho ainda muito viva a recordação de tudo, porque a minha cegueira data de pouco tempo. Guardo ainda nos olhos um resto de claridade como a que fica no ceu depois do occaso. A's vezes acredito estar vendo. Agora, por exemplo: parece que vejo o ceu, azul, muito azul.

— Muito azul, pois não. E o medico, interessado, fel-o voltar-se: Vamos a uma tentativa. Diga-me: distingue alguma coisa aqui?

— Distingo tudo... vejo, devo dizer, doutor, vejo...

— Entretanto, o senhor não pôde ter recordações d'este gabinete, porque é a primeira vez que nelle entra. Mas vamos... descreva então o que vê.

— Aqui, o senhor, louro, de olhos azues.

— Alli? indicou o medico.

— Um divan... e foi indicando, descreminando. O medico boquiaberto, ouvia.

— Vejo, doutor, ou antes sonho ver.

— Sonha?... Mas parece-me uma realidade o seu sonho!

— Realidade.

— Positivamente...

— Antes fosse, doutor... antes fosse!

— Vejamos... e tomando da estante um pequeno volume, o medico abriu-o ao acaso. Experimente ler alguns versos.

— Ler? leio. E começou a ler correntemente, claramente, os apaixonados versos do poeta.

O medico sorriu.

E' um caso excepcional de cegueira, o primeiro que appareceu em gabinete de oculista: um cego que vê o azul do ceu, que lê, como se soubesse de cor, os versos de Prudhomme... é extraordinario!

— Acha extraordinario?

— Parece-lhe impossivel esse caso?...

Ahl doutor, suspirou o enfermo, eu não vejo: opéro em verdadeiro estado de inconsciencia...

— Mas, afinal, o que é que o senhor não vê? interrogou o medico, nervoso.

— Eleonora, doutor, a minha Eleonora. Apesar do que affirmam os que me cercam eu sei bem que ella vive, porque, de quando em quando, sinto o suavissimo aroma do seu halito e ouço a doce harmonia de sua falla, só não a vejo mais... só não a vejo mais... só não a vejo mais! porque? o senhor deve saber a causa—é porque tenho os olhos enfermos. E tristemente: Não quer desanimar-me... mas eu tenho a certeza de nunca mais, nunca mais recuperar a vista.

— Não desespere, aconselhou o medico, baixinho: depende do coração; do coração apenas. A causa de sua cegueira é uma sombra n'alma, que é a pupilla do coração. Só ha uma cura possivel—o esquecimento.

O enfermo cruzou os braços, baixou a cabeça e duas grossas lagrimas desceram pelo rosto pallido. Por fim, adeantou-se o medico e ouviu distintamente, atravez de um soluço, a ultima phrase do desgraçado moço:

— Então, Deus meu! nunca mais terão luz os meus olhos tristes!

Conselhos uteis

ENGUIA A' DAUMONT

Corte-se a enguia em pedaços e atravessem-se com uma agulha, pondo uma fatia de limão entre os dous pedaços. Submerjem-se em azeite durante duas ou tres horas e depois ponham-se a assar os pedaços de enguia a fogo lento sem separar-os da agulha. No momento de servir deite-se em cima manteiga de vacca derretida e perrexil picado.

ADEREÇO FRANCEZ PARA SALADAS (ESPECIE DE MÔLHO)

Misture-se uma colherada pequena de mostarda, meia colherada de assucar em pó, uma de sal, uma pitada de pimenta preta e accrescentem-se pouco a pouco tres colheradas grandes de azeite e uma de vinagre. Agite-se bem até que os ingredientes fiquem bem misturados. Se accrescentar-se um pouco de cidra ao vinagre resulta muito agradável paladar.

Os exames noutros tempos

Não imaginem os estudantes de agora, que os exames, todo o seu terror, sejam invenção moderna e devem espantar-se do que elles eram noutros tempos, comparados com os actuaes. Os exames existem desde ha muitos seculos e por muito tempo foram complicadissimos.

Na França, já havia no seculo XVIII, espalhadas por todo o territorio vinte e uma Universidades. Dividiam-se já então, como ainda agora em faculdades de direito, medicina, theologia e artes. A faculdade das artes é a que hoje se chama faculdade das sciencias e letras.

Aquellas faculdades conferiam pouco mais ou menos os graus que hoje são conferidos; mestre em artes e letras ou bacharel e depois licenciado.

O titulo de doutor obtinha-se defendida a these.

Eram, sobretudo, muito curiosos os exames ou actos que davam aos estudantes o direito de exercer a medicina. Para obter o titulo de licenciado, o estudante tinha de fazer tres exames. Chamavam a esses tres exames a these *quod libetare*, a these *cardinale* e, enfim, o exame de *licença*.

O estudante fazia, como actualmente, imprimir a sua these, que submettia ao criterio dos professores. Depois, chegando o momento do exame, devia defender as opiniões que expandira na these e mostrar seu saber. Tudo isto, todos os argumentos eram em latim, o que augmentava a difficuldade. Finalmente, o exame ou defesa de these, começava ás cinco horas da manhã e prolongava-se pela noite adiante, á luz de lampões e velas.

Toda a gente que assistisse podia interrogar o candidato e este, muitas veez, ficava tão fatigado que era preciso ser amparado para manter-se de pé, porque, durante os exames não podia sentar-se. Comtudo era-lhe permitido comer e beber, frugalmente.

Se o leitor já viu em livros ou em theatro o traje original e caracteristico, que usavam os medicos do tempo de Molière, pode calcular o successo, o apparato, de que se revestiam os actos dos exames.

Nesses tempos, os exames ficavam muito caros aos candidatos. Além das despesas de matricula ou inscripção e de exame, presentes obrigatorios aos professores e examinadores, compra ou aluguer do traje proprio do dia, etc., os aspirantes a doutor deviam ainda pagar todas as despesas de um *buffet* bem organizado: vinhos, virtualhas de toda a especie, pastellarias, etc., para que, emquanto elle arguia, defendendo sua these, os assistentes não perdessem o appetite.

A CARICATURA E A GUERRA



A TRAGEDIA DE SERAJEVO OU A PEDRA INICIAL DO CONFLICTO EUROPEU—Lavamos nossas mãos e nossa innocencia. (Pedro, da Servia; Nicolau, do Montenegro e Nicolau, da Russia).

(Do "Die Muskete", de Vienna)

Este numero contém, no texto de 24 paginas, a pagina dupla — *A Conflagração Europa, e fóra d'elle o double* — «Recanto da Westphalia.»

A ILLUSTRAÇÃO BRAZILEIRA

PREÇO DO NUMERO: 1\$000

TERÇA-FEIRA, 16 DE FEVEREIRO DE 1915

7. ANNO — N. 138



GENERAL v. BENECKENDORFF und v. HINDENBURG — commandante em chefe do exército allemão em operações contra a Russia. O Kaiser agraciou-o com o titulo de Principe de Tannenberg, pela sua victoria na maior batalha do theatro oriental da grande guerra.

«A ILLUSTRACÃO BRAZILEIRA»

Em vista das dificuldades para aquisição de papel de varias qualidades, empregado na feitura d'esta revista, difficuldades estas surgidas logo no começo da guerra européa e que tendem a agravar-se cada vez mais, a Direcção vê-se na obrigação de suspender por algum tempo a publicação da mesma. A suspensão d'«A Illustração Brasileira» durará tanto quanto a causa que a motiva, isto é, até o fim da conflagração européa. Logo que a nossa situação commercial estiver normalizada, em virtude da suspensão das hostilidades na Europa, «A Illustração» recommençará a ser publicada.

A DIRECCÃO.

CHRONICA

COMO MORRE A CONVERSAÇÃO...

— Bom dia.
— Oh! bom dia. Está radioso.
— Venho da casa das Souzas...
— Da viscondessa?...
— Sim, da viscondessa. Levámos duas horas a dizer banalidades. As damas estiveram impagáveis.
— De que fallaram vocês?
— Em primeiro lugar, da temperatura. O dia estava encoberto, mas fazia calor. O nosso clima é esalfante. Antes sol do que mormaço. Não ha temperatura boa, porque todas têm os seus inconvenientes... Em seguida, tratámos da moda.
— E as opiniões dividiram-se?
— Exactamente. As senhoras de idade em declinio eram contra a moda actual. As de idade confessavel, applaudiam todos os exaggeros dos costureiros de Paris.
— E depois fallaram de amor?
— Como sabe?
— Porque, nas nossas palestras mundanas, depois da moda, discute-se sempre o amor. Em seguida devia ter apparecido o feminismo depois o problema dos criados — ah! os criados! — depois a carestia da vida — está tudo pela hora da morte! — e, finalmente, sobre o passado esplendor da passada estação de inverno. Meu caro amigo, não se admire, frequentei muito tempo a sociedade, e como em todas as reuniões as conversas eram sempre as mesmas, acabei decorando-as. Decorei e abandonei as recepções. E' fatigante, porque é a escola do logar commum com pó de arroz.
— Mas é divertidissimo!
— E' triste. Quando ouço conversar, cada vez me sinto mais triste.
— Pessimista!
— Quem sabe? Fallem dos males da vida moderna. O automobilismo, a electricidade, a pressa de acabar tudo, o vapor extinguiram a belleza e o encanto da contemplação. Póde bem ser. Devemos acrescentar, porém, uma outra grande victima: a conversação. Não ha mais tempo para palestrar, para fazer phrases, para conversar por conversar. A vertigem das preocupações arrasta-nos. Mesmo sentado, um homem está correndo, na furia dos negocios. A palestra é o imprescindivel. Quem ha mais que falle cultivando a syntaxe, preocupado com a belleza e a graça das imagens, fallando por fallar? Em compensação, todos sabem responder em francez, em inglez, em italiano, em arabe, como os criados de hotel. Morreu a conversação e ficou, apenas, a capacidade polyglota generalizada, capacidade de criados de hotel, mesmo porque a conversação geral do mundo não passa nas suas linhas geraes, de dialogo de criados de hotel.
— Oh!
— E' absolutamente a verdade. Um homem contemporaneo emprega o sim e o não quarenta vezes, o verbo querer vinte vezes, os nomes dos pratos que come uma vez, e é esta a base da sua palestra diaria. Fallo dos que trabalham, da gente do negocio. Esses são muitissimo mais intelligentes que nos tempos passados. A humanidade perdeu o sentimento da arte, mas ficou infinitamente mais

intelligente, isto é, mais esperta. Quando fallamos num negocio, as partes já sabem tudo sem terem trocado uma palavra. E' um fluído curioso, uma mútua suggestão. Ha grandes palestras mudas que se concluem em quatro palavras. Já reparou?

— Realmente...
— D'ahi, a inutilidade da palestra. Tem-me acontecido varias vezes, ao tratar de um negocio, ser convidado para jantar. A mesa era outr'ora logar de prazer. Hoje é sitio onde a gente só se demora para embrulhar o proximo. Pois, na maioria das vezes, os jantares são para mim torturas, porque o dialogo se faz de coisas que não valem a pena ou prejudicam dizer. Não dizemos nada, e no fim ha apenas as phrases necessarias: — Está combinado, sim, não, tanto. E' a vida pratica.
— Você esquece as conversas de amor...
— As conversas de amor! Mas, actualmente mais e mais o amor vae deixando de ser um perigo fatal para ser uma refeição. Antes de ter trocado uma palavra, o homem sabe se agrada ou não á mulher, e quando se conversa muito, é que a coisa não vae, não ha desejo ou ha desconfiança. Nada mais difficil do que enganar uma mulher mesmo ingenua.

Em negocio, como em amor; em politica, como em qualquer outro assumpto importante, a conversação é inteiramente inutil. Por isso a conversação desce a uma especie de moldura opaca, feita de logares communs, que nunca dizem o que pensamos. Dous cavalheiros com espirito acabam de colligir um livro: "Petit Musée de la Conversation", as phrases usadas em todos os assumptos communs. Ellas são as mesmas para todos os países. Trata-se de creanças. Havemos de ouvir phrases como estas:

— E' a cara do pae!
— Que amor de bebé!
— Quem dá o pão dá o ensino!
— E' preciso torcer o pepino desde pequeno. Trata-se de criados? São fataes as seguintes:

— Quanto mais bondade, peor.
— Já se foi o tempo dos bons criados.
— Acabamos criados de nós mesmos.
— E' de confiança; não tira nem um alfinete.

Estamos numa recepção? Teremos de ouvir as mesmas phrases sobre os criados, a casa, as festas, os bailes.

— Nunca me diverti tanto.
— Nunca ouvi um tenor assim.
— Wagner faz dormir.
— A saude é a melhor das fortunas.
— Os rapazes de hoje não sabem gosar.

— O sport está na moda.
— O Luiz de Castro é impicante.
Ah! meu amigo! A conversação! Deixe dizer-lhe um logar commum: a conversação morre!
— Mas, por quem é. Falla de conversas burguezas. Esquece as excepções brilhantes, o espirito.

— Montesquieu disse: *Quand on court après l'esprit on attrappe la sottise.*

— E as palavras biblicas ficam: bemaventurados os pobres de espirito...

— Oh! Por quem é! Não! Não conversemos! Nada de alinhavos de dialogo com ares de quem vae conversar como os outros. Foi-se o tempo em que conversar era um desporte amavel, em que havia salões para cultivar o espirito, como hoje ha "rinks", salas de armas e pistas. Um grande conversador, se ainda hoje viesse a apparecer, estaria mal no nosso meio e seria mal visto. A conversação é o imprevisto, o paradoxo, a ausencia da ideia do lucro, a capacidade de crear uma outra vida vivida em phrases scintilantes e ineditas. Conversar é uma resultante de ter tempo, da calma, da tranquillidade e da fantasia. Estamos no momento da realidade, do interesse e da falta de tempo. Como conversar?

— Não vou mais ás recepções e imagino que os homens de espirito só conversam consigo mesmo, na ideia do lucro e do valor monetario de cada palavra...

— Não é tanto assim. Pelo menos ha um assumpto de conversação sempre novo...

— Qual?

— Fallar mal da vida alheia.
— Este ainda tem encantos. E', de facto, o unico ponto que ainda sustem a conversação em sociedade. Que seria da vida, se não fallassemos mal dos outros? Mas por isso mesmo não vou mais aos salões, porque, sendo elles sempre a mesma cousa e sendo eu muito mais interessante, acabam por levar vantagem na critica... Não! A conversação morre. Não perdemos cinco minutos a fallar inutilmente!

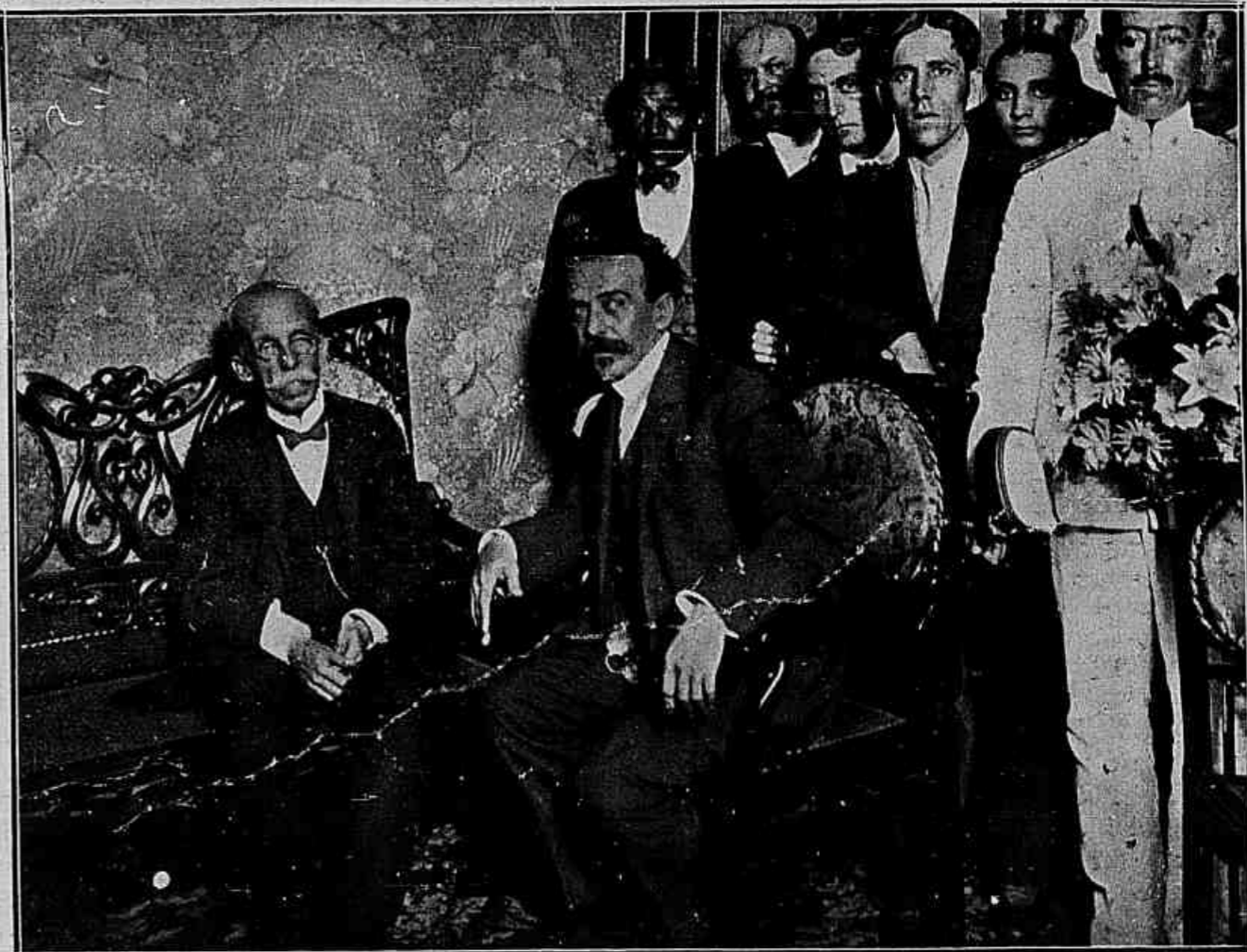
— E conversamos já ha dez.
— O que prova estarmos banalissimos. Mas escute cá, não me disse. Esteve na recepção do Praxedes, coronel que quer ser governador do Acre.

— O imbecil?
— Isso. Sempre desejava saber as suas ultimas sandices...

E a conversação continúa animada...

João do Rio

(Da Academia Brasileira)



O CASO DO ESTADO DO RIO — Senador conselheiro Ruy Barbosa, chefe do P. R. L., no palacio do Ingá, em Nictheroy, em visita ao Dr. Nilo Peçanha, presidente do Estado do Rio, garantido por um "habeas-corpus" do Supremo Tribunal Federal, "caso politico" que vem agitando a opinião publica, ha quasi dous mezes seguramente.

GUERRA

Sobre a terra convulsa o estampido rebôa
 Da guerra.—Guerra! berra o homem ao homem.—
 Morte!
 E' a supplica voraz que dá alma humana vôa,
 Entrechocada no ar, á Força, e a Deus e á Sorte.

Deuses, desviae o olhar da terra. O sangue es-
 corre,
 Mas não no vosso altar, de holocausto propicio;
 Este é o barbaro rito, em qua é o homem quem
 morre,
 E o homem que mata ignora o fim do sacrificio.

Ergue-se o fumo ao céu em impetos que o espan-
 tam,
 Não na prece aromal das fogueiras votivas.
 São cidades a arder ao som de hymnos que cantam
 Nas boccas dos canhões as balas explosivas.



"A Guerra", baixo relevo do monumento a Guillerme, o Grande, em Berlim

Guerra... E deteve o tempo a successão das ho-
 ras,
 Enquanto paira sobre o mundo a noite immane.
 Já não abre o horizonte o clarão das auroras.
 E a terra sangra e fuma, e treme, e estala e gane.

Guerra... E o alegre casal ficou triste, que o dono,
 Tranquillo lavrador, lá se foi para a messe.
 Foi semear e colher a morte, enquanto o outomno
 Vê cahido e pisado o pão que amadurece.

Guerra... E acenou de longe o ultimo adeus per-
 dido,
 E uma nuvem de pó envolveu-lhe a figura.
 Adeus! E abriu-lhe a porta o fantasma entanguido
 Da miseria, arrastando o pavor e a tortura.

Guerra... E o grito explodiu no silencio do estudo
 Em que o sabio inquiria a razão da existencia,
 E cil-o, armado e brutal, como um soldado rudo,
 Dando a morte sem dó e a esmo e sem consciencia.

Guerra... E tu, sonhador sublime, a tua ideia,
 De paz, bondade, amôr, e justiça divina?
 Tu mesmo, tu de rojo, alvejas de alcatêa
 Irmãos talvez de ideal com astucia assassina.

Guerra... E teus cantos, poeta, arroubas do alto
 sonho,
 Calaram de repente em tua lyra vibrante.
 E arrastou-te tambem o turbilhão medonho,
 E inebria-te a vôz do fero concertante.

Guerra... E o pastor attento aos assaltos do lobo
 Viu passar devorando os rebanhos e o gado
 A cafila feroz que na morte e no roubo
 Põe o timbre do orgulho e a ambição do soldado.

Guerra... E de valle em valle o echo e de serra
 em serra
 Repercute rolando o estrondo do odio insano.
 Não basta para a luta o chão firme da terra;
 Ha guerra no ar e á tona e dentro do oceano.

Guerra... Que almejas tu, lutando, fragil homem?
 Que ambição desvaivada em teu cerebro impera,
 Que não impedes mais que os teus sentidos domem
 Os instinctos brutaes de famelica fera?

Construiste a cidade em seculos, e um dia,
 A cidade destroes fundindo-a em sangue e lama,
 E ebrio exaltas no peito a tua barbaria,
 Que faz a tua força e em que aspiras a fama.

Homem, tu contra a dôr, contra a mortal fraqueza
 Investigas com fé na sicencia um lenitivo;
 E ora como um Molock, não como a natureza,
 Matas a carne sã, sorves o sangue vivo.

Deuses, baixae á terra o vosso olhar. Piedade
 Para a loucura humana. Inspirae-nos o senso
 Da nossa pequenez que a vossa divindade
 Quer equalar na terra e até no espaço immenso.

Out'ora o homem sonhou na ignorancia a ousadia
 De ir de escalada ao ceu; mas Deus sentiu-lhe o
 intento,
 E quando o enxame humano a torre sabia erguia,
 Dispersou-lhe em Babel a lingua e o pensamento.

Deuses, piedade! Olhae que o vosso alto decreto
 Da vossa confusão babelica das gentes
 Opprime tanto o mau, como o ingenuo e o discreto,
 E esmaga em seu rigor os fracos e innocentes.

Contra os barbaros, sim, ruja o vosso castigo
 Contra o vesano amôr da guerra pela guerra,
 Que o homem ante o homem põe como eterno ini-
 nimigo,
 E faz da morte o ideal da vida sobre a terra.

O' cega aspiração de abrutalhado mando!
 O' gosto irascivel de luta e de coragem!
 O' gloria vil que á industria une o instincto exe-
 crando,
 E os homens reconduz á estupidez selvagem!



"A Guerra", desenho de J. Ramos

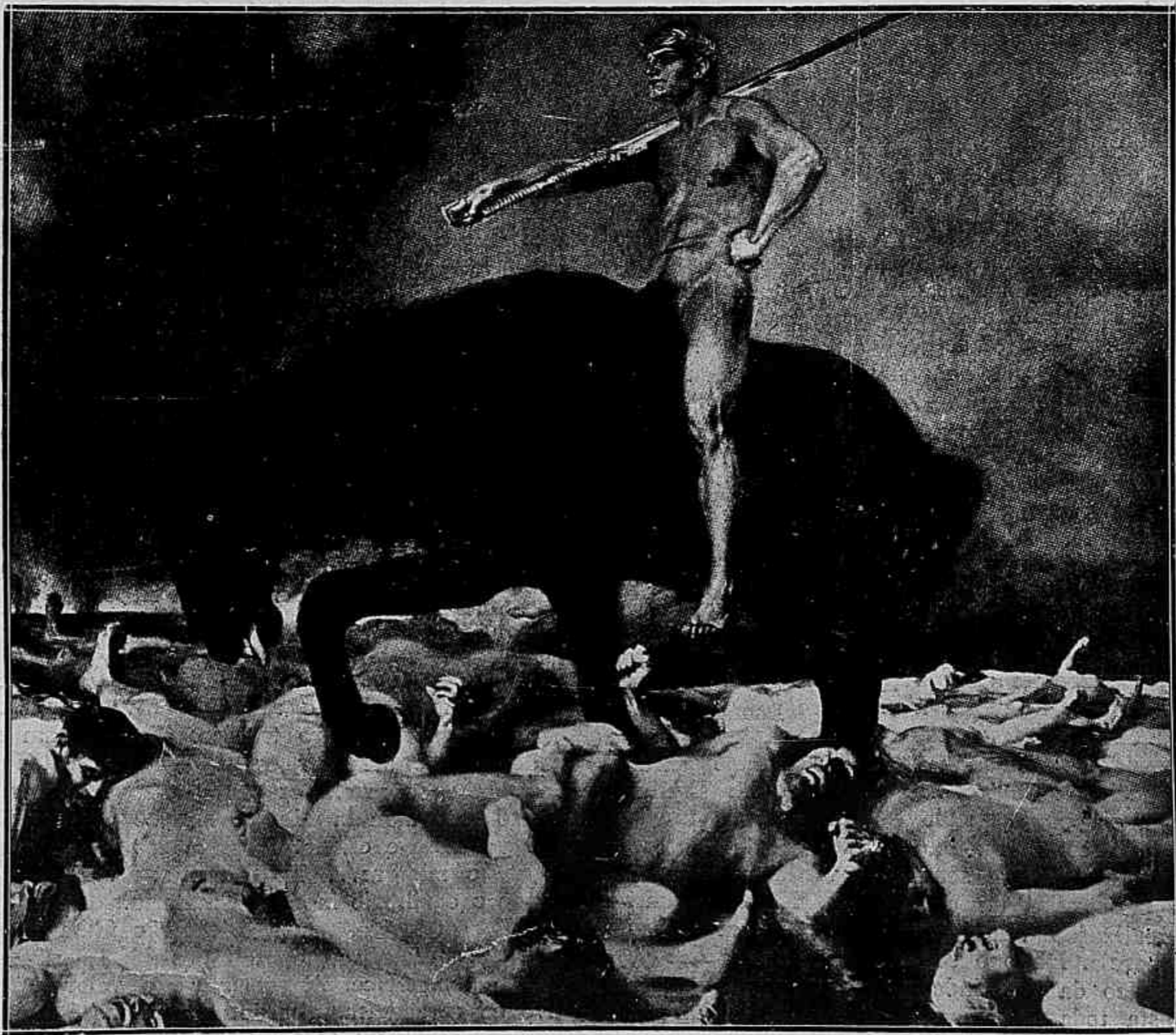
Aos barbaros! Mas vêde, ó deuses justiceiros,
 Que a justiça piedosa impelle para a luta
 Homens que só por bem continuam guerreiros
 Como guardas da lei contra a inconsciencia bruta.

Estes são os heróes verdadeiros. Armae-os,
 Deuses, com a rapidez fulminante dos raios.
 Que elles sejam na terra a invencivel cohorte
 Que á razão escravise os soldados da morte.

Mario de Alencar.

(Da Academia Brasileira)

Agosto de 1914.



"O Conquistador", quadro de Franz Stuck

Retalhos de velhas meditações



Para certas naturezas excessivamente delicadas e honestas, a vida é uma perpetua e progressiva subordinação á dôr.

A quintessencia da delicadeza, na alma humana, está em soffrer sem mostrar a dôr.

Mal de muitos, consolo é: proverbio do egoismo e da maldade. O homem bom multiplica o seu soffrimento pelos soffrimentos alheios.

Todos os homens erram; nenhum deixa de ceder á fraqueza: o essencial é que, em seu conjuncto, os moveis da vida sejam sinceros, justos e leaes.

Acceptar a má sorte sem remedio, com serenidade e coragem, é cousa tão superior ás forças humanas, que só se explica pela existencia em nosso espirito, de uma confiança latente, uma subconsciencia que nos anima e nos sustenta, sem se fazer sentir, com todo o poder e todas as energias da immortalidade espalhada nas células do corpo.

Juiz! Haverá mais estulta vaidade do que a de se dizer alguém juiz? Se a justiça é a arte

Variações ruskinianas

Para Lindolfo Color

É UM gosto e um fino prazer acompanhar o pensamento esthetico de Ruskin. A sua revolta apaixonada contra a belleza antiga e a Renascença, flagrante de injustiça, não perturba o largo rythmo da sua prosa de artista. Poeta pela sensibilidade delicada e o espirito subtil, poeta e sonhador, elle o foi com gloria. A sua vida é o registro de um trabalho pertinaz e fecundo pela victoria dos seus ideaes. Um idealista com a sufficiente capacidade de realização immediata do pensamento. Persistente na luta, ficando d'ella, em ultima instancia, o perfume de uma palavra alada e o hymno da sua harmonia corrente. Ruskin foi sobretudo um estylista. O estylo fica sendo uma inferioridade na ordem dinamica do pensamento. É uma qualidade de individualização, de personalismo, a marca de uma sensibilidade que se isola no caminho da perfeição. O estylo é uma preciosidade a mais na riqueza de uma patria. Fixa o caracter da raça e a luz divina do seu espirito. Os estylistas são a fina flôr dos artistas. Pelo estylo humano do seu theatro, Shakespeare, o gigante da epocha de Elisabeth, tornou-se universal. D'elle se aproxima o humilde e o admira; d'elle se louva o artista e o adora. Porque a psychologia humana é tão vária e complexa, de molde a nunca se realizar definitivamente uma synthese de arte, elle não pensou condensar a vida num grandioso symbolo confuso, instinctivamente mystico, como o fez Eschylo; repartiu-a como poude e sentiu, dando o valor da vida como reflexo da representação subjectiva. A realidade sendo, na verdade, uma função primordial da consciencia. É um conceito da realização visual do movimento, em trabalho ou inercia. Dado o sentido verdadeiramente psychologico da realidade, facil é commentar como realista toda a arte romantica. Shakespeare era um romantico, como todo grande poeta. Romantico tambem o foi Ruskin, o propheta do indi-

vidualismo na arte, isto é, o estheta da linha pura e nobre, definida e com expressão da propria alma. Vê-se por tudo a influencia do estylo. O seu arrojo o approxima do gothico, da sua elevação religiosa, do seu poder de suggestão tão subtilmente sensível. A qualidade da alma orienta o espirito: a emoção facilita sempre o penoso trabalho que é pensar. A philosophia moderna, caracteristicamente idealista, tem um fundo romantico que a realça. Tambem a philosophia, originariamente abstracta e especulativa, como o foi sempre na Grecia com raro brilho, vae adquirindo, sem perder a força primitiva, a essencia da arte romantica em que se funda, tornando-se, pela força plastica que a organisa, uma arte extremamente difficil de ser conhecida. Na verdade, a combinação instavel que é o trabalho de pensamento, sempre em evolução, pouco a pouco, na sua recente feição de arte, se impõe melhor á admiração, e só á admiração.

Uma cousa admiravel é sempre absurdamente inutil. A admiração, sendo a synthese obscura de um estado d'alma feliz. Sabe-se que os estados de alma são transitorios e ephemerous. A sua duração, medida pela corrente electrica que assignala o phenomeno da sua origem, é de uma brevidade singularissima. Não me refiro ao algarismo crú, pela insufficiencia da sua vibração no tempo. O nosso pensamento que se julga subtil não pôde esquecer quanto subtis são as reacções naturaes das forças inconscientes. Ha phenomenos imperceptiveis, e razão sobrava a Hamlet para o seu monologo tragico. Ruskin, sem ser philosopho e sem ser artista, deu uma theoria da vida e da arte. Fez o seu officio de pensamento sem d'elle roubar o sangue do coração. Foi generoso e divino. O poeta faz inconscientemente o milagre... Realiza o seu sonho, rompendo o equilibrio inerte da materia.

Os philosophos que, notando a necessidade de substituir a Fé por um sentimento natural, de absorção e de enlevo psychico, procuraram-o

vidualismo na arte, isto é, o estheta da linha pura e nobre, definida e com expressão da propria alma. Vê-se por tudo a influencia do estylo. O seu arrojo o approxima do gothico, da sua elevação religiosa, do seu poder de suggestão tão subtilmente sensível. A qualidade da alma orienta o espirito: a emoção facilita sempre o penoso trabalho que é pensar. A philosophia moderna, caracteristicamente idealista, tem um fundo romantico que a realça. Tambem a philosophia, originariamente abstracta e especulativa, como o foi sempre na Grecia com raro brilho, vae adquirindo, sem perder a força primitiva, a essencia da arte romantica em que se funda, tornando-se, pela força plastica que a organisa, uma arte extremamente difficil de ser conhecida. Na verdade, a combinação instavel que é o trabalho de pensamento, sempre em evolução, pouco a pouco, na sua recente feição de arte, se impõe melhor á admiração, e só á admiração.

Uma cousa admiravel é sempre absurdamente inutil. A admiração, sendo a synthese obscura de um estado d'alma feliz. Sabe-se que os estados de alma são transitorios e ephemerous. A sua duração, medida pela corrente electrica que assignala o phenomeno da sua origem, é de uma brevidade singularissima. Não me refiro ao algarismo crú, pela insufficiencia da sua vibração no tempo. O nosso pensamento que se julga subtil não pôde esquecer quanto subtis são as reacções naturaes das forças inconscientes. Ha phenomenos imperceptiveis, e razão sobrava a Hamlet para o seu monologo tragico. Ruskin, sem ser philosopho e sem ser artista, deu uma theoria da vida e da arte. Fez o seu officio de pensamento sem d'elle roubar o sangue do coração. Foi generoso e divino. O poeta faz inconscientemente o milagre... Realiza o seu sonho, rompendo o equilibrio inerte da materia.

É sem logica, sem a orientação falha do raciocinio, constróe o circulo das idéas, perfeitamente geometrico. A poesia dá o valor definitivo da verdadeira intuição. A intuição é o milagre espirital em acção. O poeta pensa pelo inconsciente. Quem determinar a lei psychologica

na Razão e no intuito da Humanidade, cometeram o erro de desconhecer a força, energica e imperiosa, que nos attrae os espiritos para a imagem do Porvir. A Razão, força directriz do pensamento, não satisfaz ás aspirações moraes. A Humanidade, recordando uma realidade conhecida, no Passado e no Presente, turva o ideal com a mistura dos factos.

O objecto da existencia e o fim da acção, vertendo-se na Esperança e traduzindo-se na Ideia, — a essencia espirital da vida está na aspiração e na concepção do Futuro. Deus está no Futuro.

A prova de que o homem traz o olhar voltado para o Futuro está em que elle tem mais amor aos filhos do que aos paes.

Um traço da nossa anarchia: os alferes comandam o exercito e os reporters dirigem a opinião.

A ambição, não a ambição frivola dos parvos, nem a ganancia material, mas a ambição, sincera, espontanea e fertil, dos productivos, exerce, nos destinos do homem, a função de uma bussola. Deve ser moderada e contida; não pôde ser contrariada. O individuo que a perde ou que a renuncia é um ser pernicioso.

Os homens felizes são incapazes de fazer justiça, porque não têm a noção do phenomeno mais commum na vida, que é a dôr.

Por occasião de organizar-se uma chapa de deputados, ouvi, um dia, a uma influencia politica, decidindo entre dous candidatos: — Entra este, porque ainda não comeu. E ahí está ao que se reduz a vida, quando não a conduz um ideal: ter comido, estar comendo ou vir a comer.

Começa-se a morrer quando se deixa de ter aspirações.

Alberto Torres

Petropolis, 1906.

da poesia tem feito a philosophia coerente e verdadeira, aquella que exprime a capacidade integral do espirito. Ninguém hoje ignora a renascença do idealismo e a rehabilitação philosophica da metaphysica. Basta referir Boutroux e a progressão que fez no mundo pensante a philosophia documentada, verdadeiramente scientifica, pelo espirito do methodo, de que foi creador H. Bergson. Bergson é um artista philosopho, de um entendimento agudo da realidade espirital, como teve Berkeley, de uma fantazia, justa, como realizou em musica Beethoven, e com a capacidade de synthese do extraordinario Kant. Não generalisa nunca; desenvolve o pensamento, reforçando-o de imagens, dando-lhe toda a força de suggestão já no dominio da arte e no extremo da diffusão se opera a synthese vital, isto é, dá-se o reconhecimento da sua verdade na nossa consciencia admirada de ter compreendido sem ter analysado. Todos temos o sentimento de que ignoramos o substracto das nossas percepções. No entretanto, estas mesmas percepções, indeterminadas pela continua aquisição dos sentidos, vão se confundir na memoria (uma especie de ether diffuso que alimenta a intelligencia e por isto, esta, muita vez culmina sem a paciencia dolorosa do estudo e da meditação). A memoria facilita a comprehensão do genio. Ha paginas de Ruskin, inspiradas na revelação do genio. Na determinação d'este pensamento, que dá plena originalidade á inspiração, encontramos um paralelo para a nossa theoria da genese espontanea do genio. O genio é um escólho ao determinismo insufficiente do espirito scientifico. Não ha negar o seu valor extremo, irreductivel mesmo, como condição possivel da natureza humana. O genio de Ruskin tem o caracter de intermittencia, o rythmo normal do coração. Assignala uma verdade e repousa. Não tem a precisão chronometrica de uma machina espirital... Brilha e se apaga e na luta incessante pela sua libertação o espirito vae illuminando perdidamente, aqui e alli, na romagem terrena, o campo da arte, a verdade da arte, o milagre da arte!

C. da Veiga Lima

FAL TAM

PAGS. 73 E 14

aos abundantes cofres de José d Costa Carvalho, mas á referencia generosa de Antonio Carlos, perante o menino monarcha — "Antonio, e nós brigamos tanto para desgraça do paiz!", exclamava em 1841, abraçando-se ao orador a quem também já havia mndado espionar, e a quem, em 1833, recusara garantias de vida.

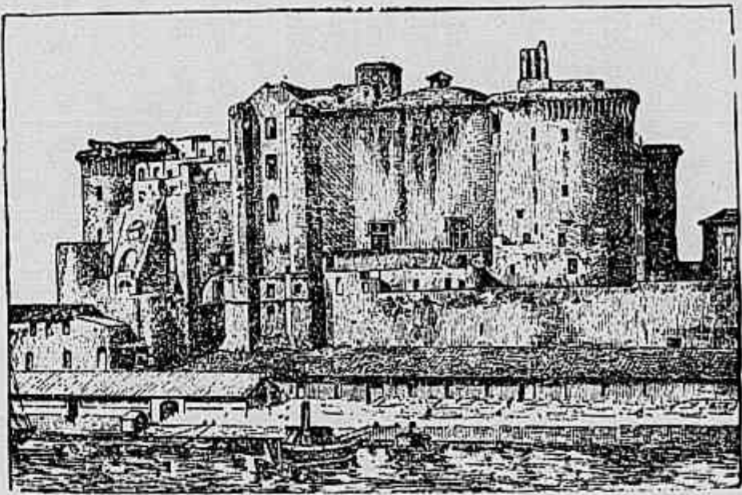
— Ha mezes, em resposta a artigos meus, contrarios a plano rapinocrata de valorisação de café, recompuzerm lá em S. Paulo, uma commissão á custa do erario publico e sem prestação de contas, e encommendaram ao Dr. Eugenio Egas a obra justificativa de todos os erros de Diogo Feijó; nas produções d'esse modesto genial, a verdade, como aquella figura da comedia aristophanica, está a pedir que lhe ponham fogo na chaminé. Ah! ia esquecendo: occupam a prôa da tal commissão, um millionario administrativamente rapido, um ingrato aproveitador por indole disfarçada e ruim e um jacobino educado, como todo o filho de portuguez, no odio aos autores da nossa independencia.

27—Absolutamente, não está provado que eu não descenda de Jesus Christo. Interessa-me o bem dos meus semelhantes. Gosto da felicidade alheia. A alegria do proximo não me distancia do prazer; e, das minhas limitadas possibilidades, sahe para irracionais e racionais, o bem que me esteja em alcance. O que tudo visto e examinado, exordio a nota de hoje com este conselho, profundo e generoso, á humanidade em geral e aos brasileiros em particular: quem não tiver de ir a Napoles, não vá; quem tiver de ir, também não vá.

— Como eu vou gostar da Italia! Toda a minha provisão de birra se esgotou nessa monotonia parda das edificações napolitanas. D'aqui, até o pavoros Tiberio teve pavor, fugindo para a ilha fronteira. Quem de Napoles sahe está irretorquivelmente bem; está alegre, muito alegre. Organiza-se-se uma theogonia napolitana e Mercurio desethronaria Saturno, antes de Jupiter estar desmado. Sus! Silencio! Recebo a conta do hotel: trato-a como se fosse ella constituição estadual: concordo sem lér, pago sem exame! Resigno-me. Devo estar assim com cara de quem tem de ir a casa de dentista.

— Na estação. Balburdia. Divididas as direcções das viagens por *guichets*; mescladas, porém, as vendas de bilhetes: um empregado para todas as classes de passageiros; discussões de trocos; carregadores gritando. Afinal! Partida. Viajo propositalmente de costas; diminuo assim as probabilidades de carvão nos olhos e demais, no caso, não recuso a Napoles a especial reverencia que de manhã, quasi no banho, costumo prestar a compartimento credor de obrigatoriedades physiologicas. Parto sem olhar para traz.

— Dizem que o napolitano, a despeito dos seus hoteleiros, é, no seu conjuncto popular, capaz de movimentos civicos, sendo até algum tanto propenso a actos de caridade. Desejo acreditar nisso. Uma impressão boa, á despedida, não é matlotagem a desdenhar; e, a além d'essa, outras tive, de variadas significações ao deixar Napoles: vi, de



O Castel Nuovo (XIII^o s.) em Napoles

Castel Nuevo, as suas bellas columnas corinthias, a contrastarem com a attestação d'esse desbriado despotismo aragonez, que tanto sujou o direito e a liberdade em terra estrangeira; parei, duas vezes, deante do Palacio Real, perguntando-me para que rei e ministros conservam a propriedade d'esse formoso, porém inutil, edificio, onde uma vez por anno chega um parente de Sua Magestade, dá audiencia aos consules, fazendo-lhes sempre as mesmas perguntas, e de onde se retira com o delibe-

rado programma de voltar no anno seguinte; admirei a imponencia do Palacio da Universidade, não repellindo, antes affagando, o desejo de que lá dentro se consiga refutar a utilidade, hoje, de semelhantes instituições; extasiei-me em frente á estatua de José Garibaldi, o homem mais reproduzido em bronze nas praças publicas dos agrupamentos occidentaes. Asseguram-me ser a melhor, porque a mais verdadeira e bonita de quantas o guerrilheiro motivou. Está serena e forte. Falla. Manda. Senti-lhe a vida do antigo lutador da revolução rio-grandense de 1835-45: a uniformidade da força, ao serviço de uma ideia. Obriga a gente a pensar.

— Outra impressão agradável, mas exigente, de cogitações metaphysicas, foi a que me deixou na memoria o gerico, o sympathico gerico de Napoles. Inteligente, muito inteligente, embora inilustrado como todos os quadrupedes, o gerico da maior cidade italiana, (evitemos a cacophonia), o napolitano gerico tem na temperança, no methodo, na força, na resisitencia, na esperteza, um apreciavel complexo de qualidades, dominadas todas por uma estupenda sagacidade, mas sagacidade boa, mas bondade affabilissima. Vê-o e estimal-o é obra de um momento. Não do cavallo Bayard, mas d'esse gerico, deveria o poeta Ariosto ter cogitado, se foi ou não portador de uma alma. Napoles deve orgulhar-se da localisação preferencial de semelhante producto: vae-lhe a calhar o gerico.

— Corre o trem. Velocidade um pouco superior á da linha ingleza, entre Santos e Jundiáhy. Montanhas, valles, aspectos successivos, porém não de todo desemealhantes, recordam-me os ultimos trechos da viagem de Nictheroy a Victoria. Atravesso villas e aldeias, com a pretensora denominação de cidades; mal tenho tempo de notar que na Italia não é usual a repintura das casas. A' esquerda, mais que á direita, como que as povoações descem dos morros, tendo lá em cima—ruínas em ruína—os vestigios dos velhos castellos feudaes, attestados da grande covardia, que couraçava o fidalgo contra o peão, contra o agricultor, contra o trabalho, contra o municipalismo incipiente, contra o commercio equalitario. Entendia-me o senhor feudal; irrita-me a falsificação historica que o applaude. Não foi esse tolo mau, illettrado assaltante, quem impediu o derradeiro espraia da expansão arabe entre Tours e Poitiers; o que ahi houve foi, afinal de contas, a derota do filho da zona torrida pelo inverno; não se puderam entender, o siroco e o frio.

Corre, vóa o trem. Vóa e corre, cortando de quando em vez, planicies agricultadas, com os limites a variar de fórma, ora de quadradinhos de madeira, ora de pedra escura, algumas vezes de arvoredos cortados e alinhados como o das antigas chacaras de Botafogo; e lá ao longe carneiros em grupos pacatos, obedientes a um ou dous pastores; e tudo em tanta ordem, e tanta regularidade! Salve, trabalho humano! Cepilho a egualar direitos, a individualizar o merito, a afidalgar o esforço pelo embelezamento da aptidão. (Este trechinho está um pouco disparatado, mas escrever tolices não deve ser privilegio do Dr. Couto Magalhães Sobrinho).

— Ainda no trem. Boa comida. Somos quatro á mesinha: eu e companhia, um inglez e companhia; muito casados, nós; recemcasados, elles, tendo ella o narizinho torcido na ponta, conforme o habito de menina britannica desenoivada. Parece-me... Não é possivel. Aquillo foi aperto de botina, ou unha encravada. Que teria a inglezinha com o meu pé? A Europa é um perigo para os sexagenarios. Corre o trem. Fogem povoações, campos, plantações, manadas; quantos interesses em serviço de luta e *quantula sint hominum corpuscula!*

Em Roma—A pedido da chuva e das malas, adio para melhores tempos os raciocinios com que pretendia entrar na Cidade Eterna. Vou para o hotel Flora. Bom. Luxo toleravel. Delicadeza de criados. Linda sala de refeições. Ao almoço, liberdade relativa de trajas; com capa e sem capa, com pintura ou sem isso, de ou sem chapéu, e até com bonnésinho irlandez, uma velha vesga: ao almoço, tudo aqui é permittido. Ao jantar, tudo muda; *smocking*, collete branco ou sarapintado, luvas para serem tiradas na occasião da sopa, silencio e muitos criados de casaca. Trinta e seis francos diarios por tudo isso. Mas quanta gente feia! O Hotel Flora é especialista em caras medonhas; e, mais ou menos, em caras inglezas. Uma ingleza decotada, é receita contra a natalidade. Mesmo em Athenas, onde o culto do bello era effectivo, trez seculos antes de nossa era, foi verificado

que á nudez dos atletas, correspondia baixa média dos casamentos.

— Mais que accetavel, quasi direi boa, foi a primeira impressão que de Roma tive. Ruas largas e limpas, edificações limpas e largas; cavallos possantes, como não os temos no Brazil, puxando um a trote, morro acima, carruagem com trez pessoas, além do cocheiro; moderação nas gorgetas; delicadeza em geral. Do carro, que por momentos estacionara, reparei em duas caras gordas, sympathicas, moças, coradas, tão alegres, tão contentes, tão boas! Eram evidentemente duas irmãs, duas companheiras, duas amigas. Estavam com vestidos eguaes; cochichavam confiadamente, sorrindo. Que impressão sadia! E' tão rara essa intimidade entre duas moças! Tão mais rara entre duas irmãs bonitas!

— A' noite. Foge-me o somno; para obtel-o resolvo examinar a conta do hotel de Napoles! Ui! troquei a insomniia pelo pesadelo. Para cobrar-me uma lira por chicara de perfido café, o hoteleiro contava-a por quatro; das quinze liras diarias, que combinara, o bruto excluia tudo: excluia comida, café, chá, talher, guardanapo, pão, etc., e, depois de assignalar o jantar por inteiro, cobrava por preços demolidores cada um dos pratos separadamente. Agora, sim, compreendo porque o malvado teimou em só á ultima hora, á sahida das malas, apresentar conta com a qual, por mais prevenido que estivesse, eu não poderia contar. E' pauperrima a rica synonymia portugueza, para qualificar esse gerente bandido. Tento, todavia, recommendal-o ao nojo dos viajantes e á cautella dos brasileiros, em particular. Acode ao nome de Carlos Rossi; é alto, mais magro do que gordo, algum tanto palreiro, insinuante, como todo o biltre apatacado á custa alheia. Usa olhar pensativo; tem ares de quem medita um poema e não recusa um clister. O Hotel Flora, rua Chiaia, 279, é um impossivel effectivo á volta de qualquer hospede; quem uma vez d'alli se retirou, para todo o sempre retirado está. Napolitanamente fallando, Carlos Rossi é a encarnação hoteleira de Mandrino. Esse homem descende em linha recta da Côte dos Milagres. Sua intenção tem apreciaveis fórmas de gazúa. Carlos Rossi, gerente do Hotel de Inglaterra em Napoles, pertence á directoria de associação, que funciona na grande cidade, para protecção de estrangeiros, contra os respectivos exploradores. E está dito tudo.

28—Procura-me o Dr. Bruno Chaves; de minha chegada avisara-o o Dr. Alfredo Varella. Está triste o sympathico diplomato, verdadeira providencia dos brasileiros que chegam a Roma; acabrunha-o a morte do professor Angelo Gubernatis, amigo da justiça e do Brazil, discordante do patife laudo da Italia a respeito da Guyana, e com o qual o rei d'aqui pagou á Inglaterra a intimação para o recuo de Menelick. Italiano raro, Angelo Gubernatis, em dictionario bibliographico deu entrada a alguns brasileiros.

— Fui a S. João de Latrão, a mais antiga igreja, dizem, de Roma. Notei, logo aos primeiros olhares, varias, avariadas e parcelladas restaurações. Sobre o altar-mór está o fatigante quadro da *Ceia*, de Leonardo da Vinci, trabalho não superior em concepção ao do nosso Estevão Gonçalves (1610). Grandiosidade do templo, a despertar entusiasmo, sim, mas as mesclas muitas do sagrado e profano, do paganismo e do modernismo — a deusa da abundancia (Ceres?); uma implacavel placa recordando o jubileu de 1875; uma inscrição, em latim, de hontem para hoje, visivelmente falsificada, sobre sarcophago de sacerdote portuguez; os doze apostolos, sendo cinco (Matheus, Felipe, Thomé, Jacob e Thadeu), completamente reproduzidos um pelos outros, identicos em cabelleira, altura, barba e quasi no gesto, etc.,—transformaram em banho de chuva com pouca agua, o banho de arte que eu esperava. Da duzia de apostolos faz parte S. Paulo, não sei porque; talvez pelo mesmo motivo de haverem ao calvo S. Pedro, applicado respeitaveis madeixas. Aturdido, desviei a intelligencia para o numero *doze*, o numero cabalístico, o numero que, multiplicado pela somma de duas trindades, produz setenta e dous, numero este dos discipulos secretos do Christo de Miriam. Permaneci cinco minutos deante da tela, onde Bonifacio VIII, com o olhar unctuosos do Inquisidor, está a requerer que se lhe repita a valente bofetada de Noigeret.

Martim Francisco

(Deputado Federal)

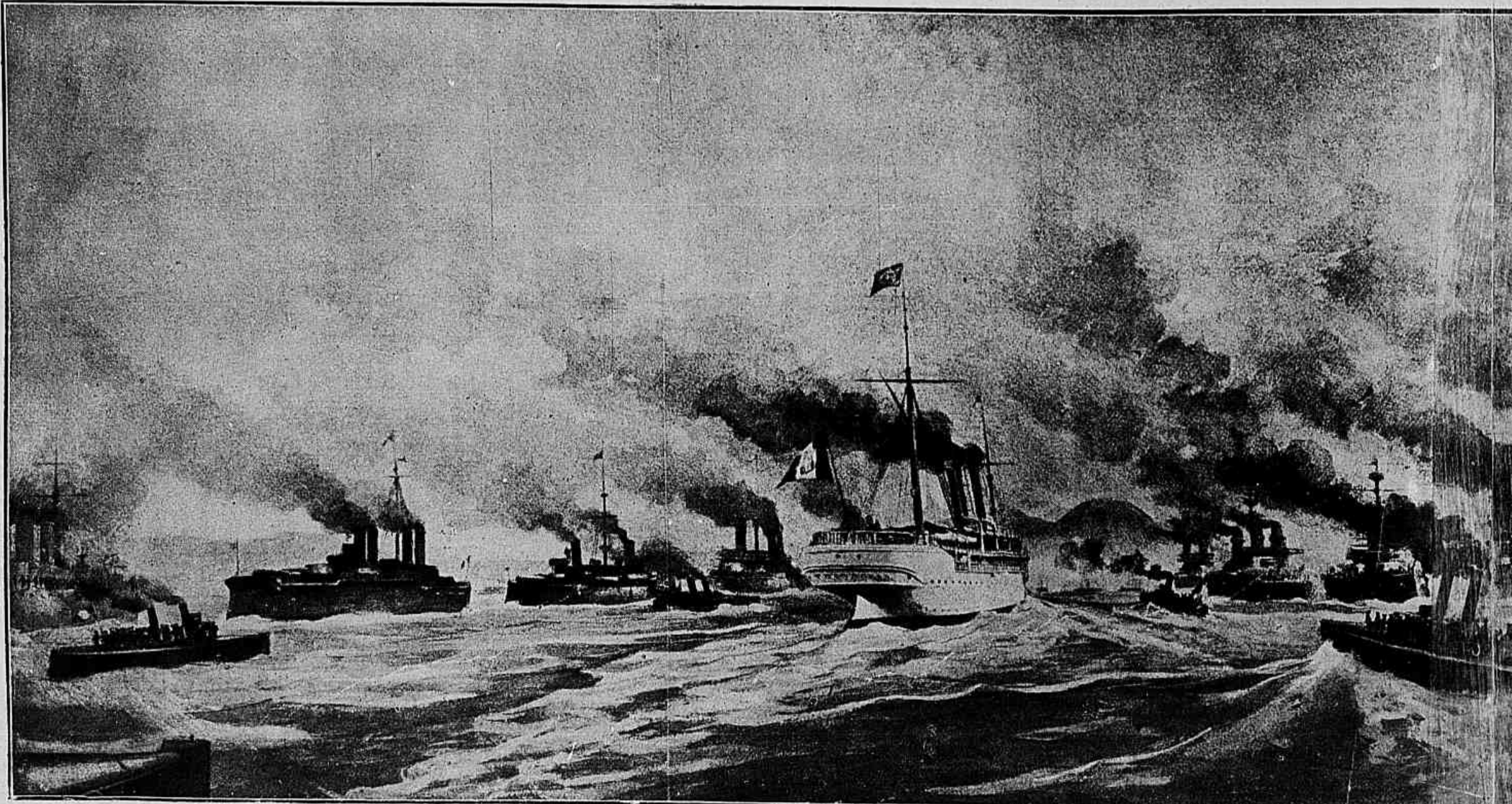
A conflagração



O Sultão da Turquia, Mohamed V, que fez a declaração da actual guerra á Russia. (Composição do pintor italiano R. Paoletti)



A ITALIA NEUTRAL: SEU EXERCITO, NOS SEUS NOVOS UNIFORMES. 1º, soldado; 2º, capitão; 3º, coronel com a tunica de marcha; 4º, soldados em marcha. (Rodolfo Paolucci)



A ITALIA NEUTRAL: SUA FORÇA NAVAL.—Numa revista passada por S. M. Victor Emmanuel III á esquadra do reino, no Golfo de Nápoles, em 1911, a REGINA ELENA, enquanto, ao centro, navegando em sentido contrario a vinda.

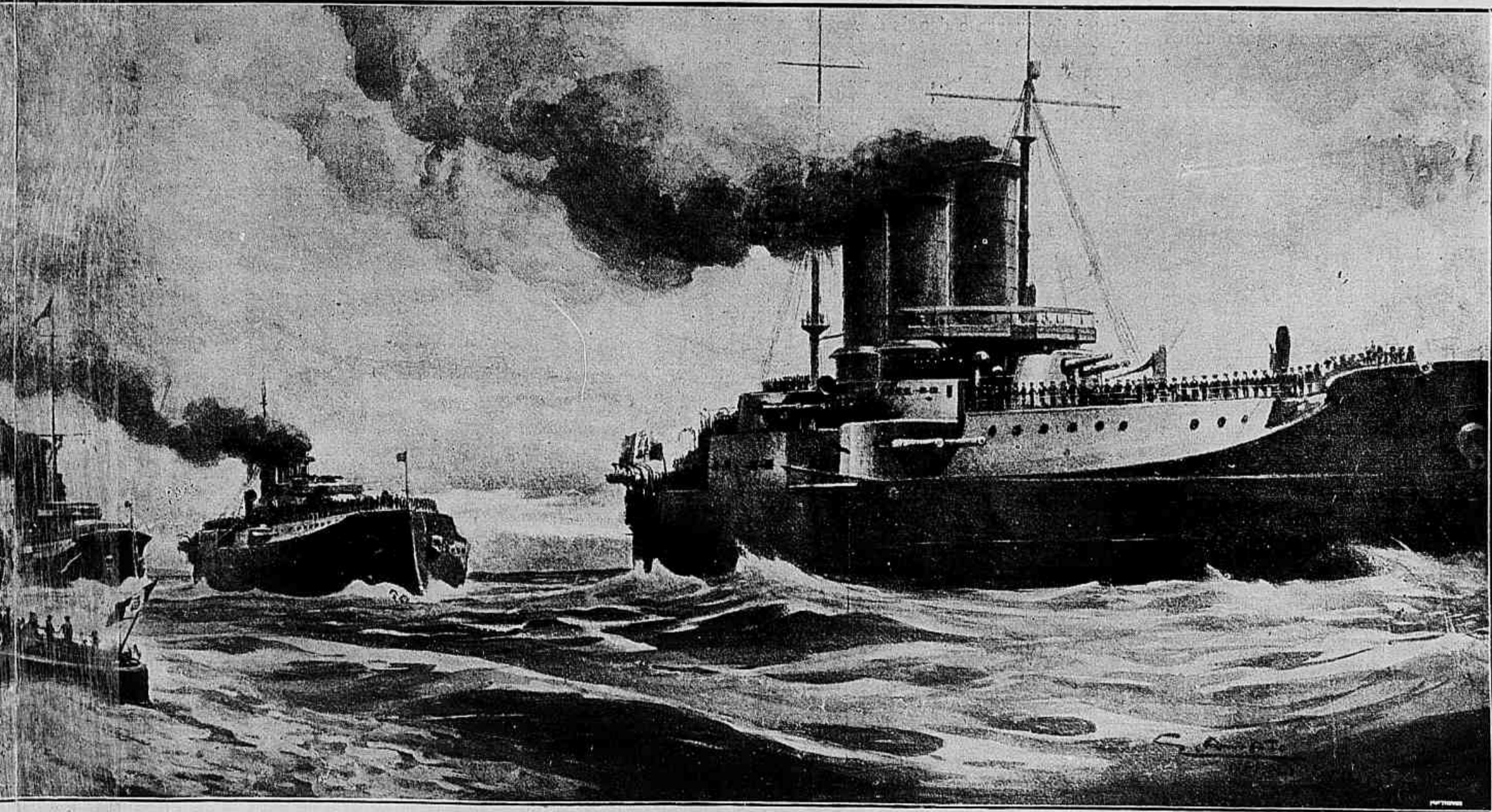
ção europeia



FORMES—“Alpinos”: 1°, official com a tunica ordinaria; 2°, official com a dos “skiatore”; e 5°, soldado com tunica de marcha. (Desenho de Paoletti)



PHOTOGRAPHIA INTERESSANTE — General von Emmich, o vencedor de Liège, e o rei Alberto, da Belgica. Essa photographia foi tomada numa parada em Lüneburg, ha pouco mais de um anno.



s, em Novembro de 1912. (Desenho de Gennaro d'Amato, para L'Illustrazione Italiana). No primeiro plano, á direita, vê-se o navio capitanea— a varias unidades, se destaca o “yacht” de Sua Magestade—TRINACRIA



"Alcova" de um commandante de artilharia nos fossos de campanha

A GRANDE GUERRA

A GUERRA que muitos technicos prognostivam ser de trez mezes, já passa dos seis e não demonstra tendencias de esgotamento ou negligencia. O entusiasmo dos governos e dos combatentes é cada vez maior.

Todos os chefes asseguram, respectivamente, que seus paizes levarão a guerra até ao fim. O generalissimo Joffre, num *interview* concedido ao director do *Jornal de Genève*, declarou que já venceu; que a sua offensiva é uma questão de oportunidade. Por outro lado, o marechal von Hindenburg, a maior figura militar da Allemanha, em acção bellica, affirmou que essa campanha será nas duas frentes, uma *guerra de nervos*, de paciencia, de tenacidade, de dominio de si mesmo. Ora, os allemães são physica e physiologicamente mais fortes do que seus adversarios, dos quaes só os inglezes se poderiam approximar neste sentido.

Por isso, o vencedor de Taunenberg, considera

a campanha demorada e difficil, mas favoravel inteiramente á sua patria. No seu entender os nervos allemães são mais fortes.

O general von Folkehagen, chefe do estado-maior allemão, assegura que, em breve, retomará uma offensiva fulminante e definitiva. Lord Kitchner, ministro da guerra da Grã-Bretanha, confia na victoria e diz que o Reino Unido só embainhará a espada depois de aniquillada a Allemanha.

O Sr. Winston Churchill, lord civil do almirantado (ministro da Marinha), numa entrevista com o *Matin*, desmentiu os boatos de paz e reiterou a declaração de que, mesmo na hypothese inconcebivel da retirada da França e da Russia, a Inglaterra continuaria serenamente a luta.

Assim não ha disposições de paz. Só ha preparativos de novas batalhas.

Em principios de Janeiro, os allemães assumiram a offensiva no centro das linhas do theatro occidental da guerra e depois de umas cincoenta horas de combates incessantes venceram nos sectores correspondentes a Soissons e Reims e foram repellidos pelos francezes em Vic-Trogou e Porthes. A 27 de Janeiro, para commemorar o anniversario do imperador com feitos novos, o estado-maior ordenou uma offensiva, que, a julgar pelos telegrammas que merecem credito, não deu resultado apreciavel.

O generalissimo Joffre tomou as providencias necessarias para impedir a ruptura projectada em La Bassée e Arras e nesse sector, as tropas francezas e inglezas mantiveram, a 28 de Janeiro, as posições que ha poucos dias tinham conquistado perdido e reconquistado.

Em Croanne, os francezes perderam algumas linhas de trincheiras, mas resistiram com os alliados em todos os outros sectores.

A actividade allemã no Yser, em Flandres, e em Arras, na Picardia, tornou a ser formidavel, mas até principios de Fevereiro tinha sido contida pelos alliados.



General de artilharia Potiorek, commandante em chefe das tropas austro-hungaras, victoriosas sobre os servios

Os pequenos deslocamentos de linha não têm importancia. Os allemães atacam em massas cerradas, impetuosos, resolvidos a todos os sacrificios, cumprindo á risca a directiva de um estado-maior, sapiente, que acha que não ha grandes resultados sem grandes perdas.

A artilharia grossa funciona a principio com uma intensidade assombrosa. Depois vem a carga energica, systematica, sem receio de sacrificios... De modo que, deante d'essa avalanche, a propria defensiva tem de ser feita na segunda linha, porque é impossivel quebrar de prompto a sua furia systematica... Os francezes e inglezes recuam,



O primeiro monumento "Hindenburgiano", erigido por soldados feridos, em commemoração da victoria allemã em Taunenberg



O flos-populorum russo: Baskiros-Kirgisos e Tar taros. Parecem illustrações de uma novella de Gorki



Officiaes allemães e austriacos no Quartel-General austro-hungaro

resistem e então avançam de novo, depois de dissimada a columna cerrada, pela artilharia da segunda linha. Foi assim que aconteceu em Flandres, na Picardia, em Nancy, no Marne, em todos os sitios em que os aliados contiveram ou bateram os allemães.

A grossa artilharia germanica torna, como dizia o marechal French, os logares inhabitaveis. Quando ella visa incessantemente um ponto é preciso abandonal-o.



Official de cavallaria de Bengala, que combate pelos alliados, na Europa

Só quando a infantaria tedesca tenta ocupar esse ponto é que os aliados avançam e conseguem, ás vezes, recuperar a posição.

A tactica prussiana de causar pavor, de as-



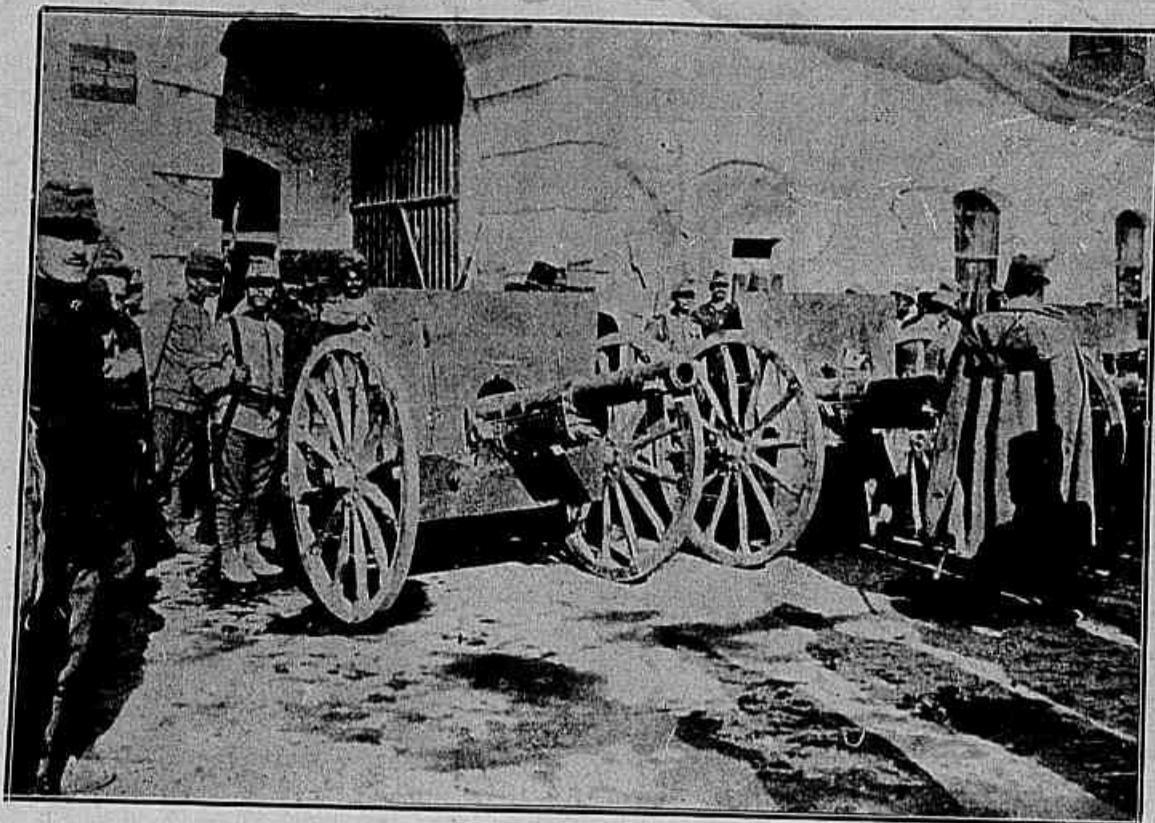
Açougue de campanha das tropas allemãs, na Belgica

sustar o inimigo, atira massas tão compactas, que não é possível resistir ao seu primeiro impulso. Na segunda linha, porém, esse impulso tem sido por vezes, inutilizado e contido. A batalha de Flandres é um exemplo.

A nova actividade nas linhas do occidente é uma medida de prevenção. O estado-maior tedesco quer obter novas vantagens, novas posições estrategicas antes da primavera, antes da entrada na batalha dos 600.000 homens da primeira for-



Após a occupação de Antuerpia. Soldados allemães na Praça da Municipalidade. (Desenho de Felix Schwarmstadt, para a "Illustrierten Zeitung", de Leipzig)



Canhões servios tomados pelos austriacos



Comitadjis servios feitos prisioneiros em Kreka, perto de Toula

mada das tropas de lord Kitchener e dos 500.000 francezes das ultimas classes. Por isso, recommencaram os ataques em Flandres, na Picardia, em Soissons.

O generalissimo Joffre é de opinião que não convém, por enquanto, senão resistir. Ainda é cedo para uma grande offensiva, porque as linhas tedescas ainda estão fortemente guarnecidas.

O commandante em chefe dos aliados occidentaes experimentou, em Dezembro, a força de seus adversarios; viu que ainda convinha prolongar a guerra de usura.

Se o isolamento commercial da Alemanha não é tão completo como os aliados desejavam e annunciaram a principio, já influe nos mercados internos. Muitos generos de primeira necessidade subiram de preço. O governo faz recommendações ao povo de tal ordem, que denunciam as suas apprehensões.

Certas requisições militares demonstram que ha falta de cobre, ou, pelo menos, o receio de que o cobre falte. Por isso, naturalmente, o generalissimo Joffre pensa que a guerra de usura é de grande vantagem para os exercitos que commanda. E' preciso, no seu entender, prolongar a guerra.

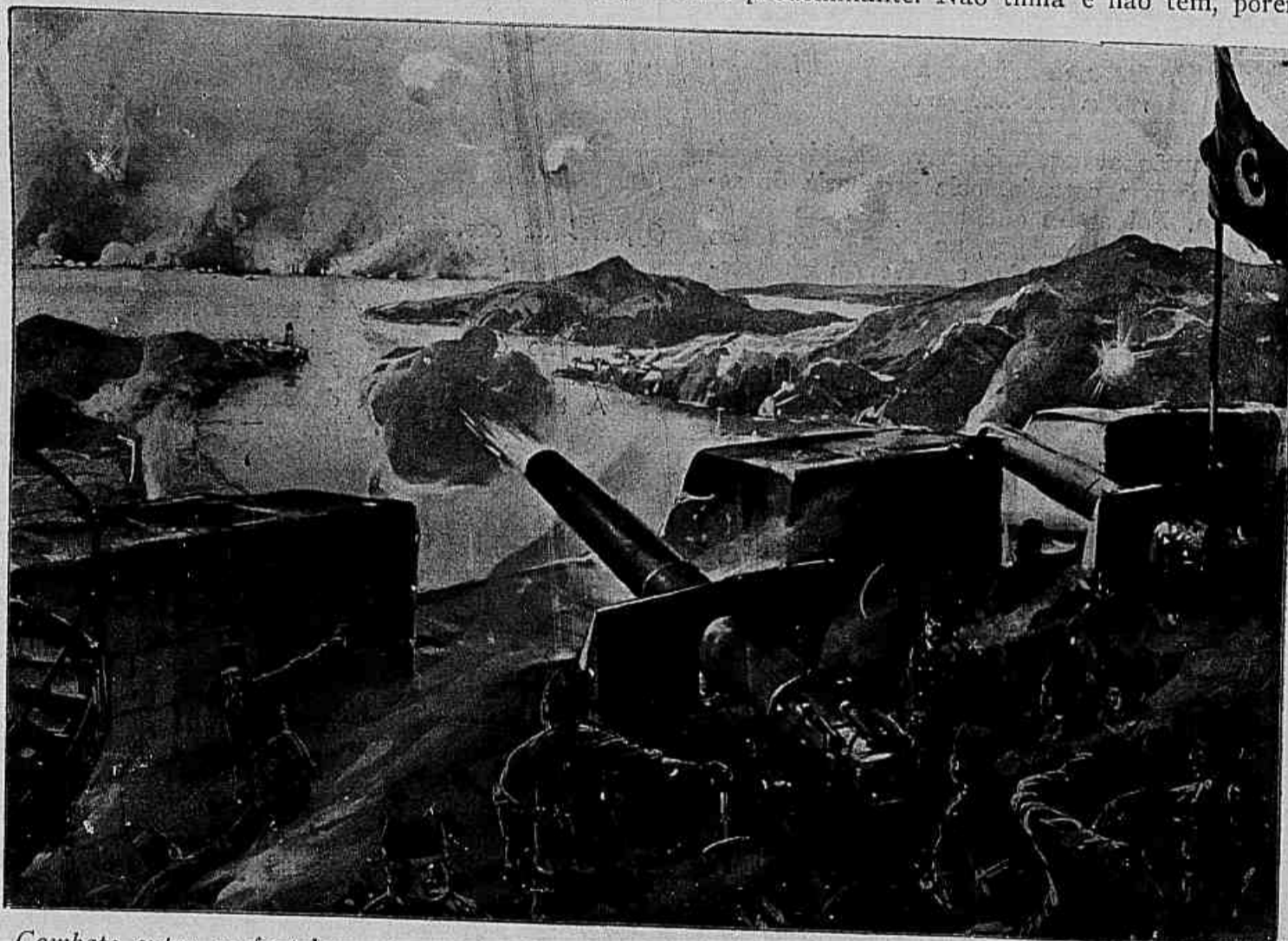
Por enquanto os allemães podem equipar os seus homens; convém, então resisitir. Quanto em virtude do isolamento commercial começarem a sentir difficuldades para esse equipamento é que será conveniente atacar.

A offensiva geral dos allemães de 27 de Janeiro fracassou como havia fracassado a offensiva de experiencia ordenada pelo generalissimo Joffre em Dezembro. As condições geraes são de equilibrio, de empate.

Em Flandres, os belgas e os inglezes mantêm firmemente a linha que vae de Nieuport a Ypres e dahi a La Bassée. Mas abaixo, na estrada de Belthune, na Picardia e em Arras, os francezes supportam os ataques tremendos dos allemães, que

ainda não desistiram da ruptura que ensaiam desde Novembro e que já falhou muitas vezes. Os allemães, no centro, tentaram atravessar o Aisne,

estado-maior allemão, foi como escriptor militar, dos mais ardentes destruidores da offensiva rapida e predominante. Não tinha e não tem, porém,



Combate entre as fortalezas turcas dos Dardanellos e os navios das potencias aliadas. (Desenho do prof. Willy Stover, para a "Illustrirten Zeitung")

mas a artilharia franceza inutilizou seus esforços.

O general von Falkenhagn, actual chefe do

muito entusiasmo pelo plano que consistia em atacar Pariz, para reunir na bacía pariziense o grosso do exercito francez e ahi tentar o envolver



O Principe Henrique, da Prussia, commandante em chefe da esquadra allemã, guiando seu automovel numa rua de Berlím



Canhões russos, em exposição em Vienna. Como esses são inumeros os trophes de guerra que os austriacos exhibem naquella capital



Na fronteira russa: caça a um aeroplano inimigo por soldados allemães

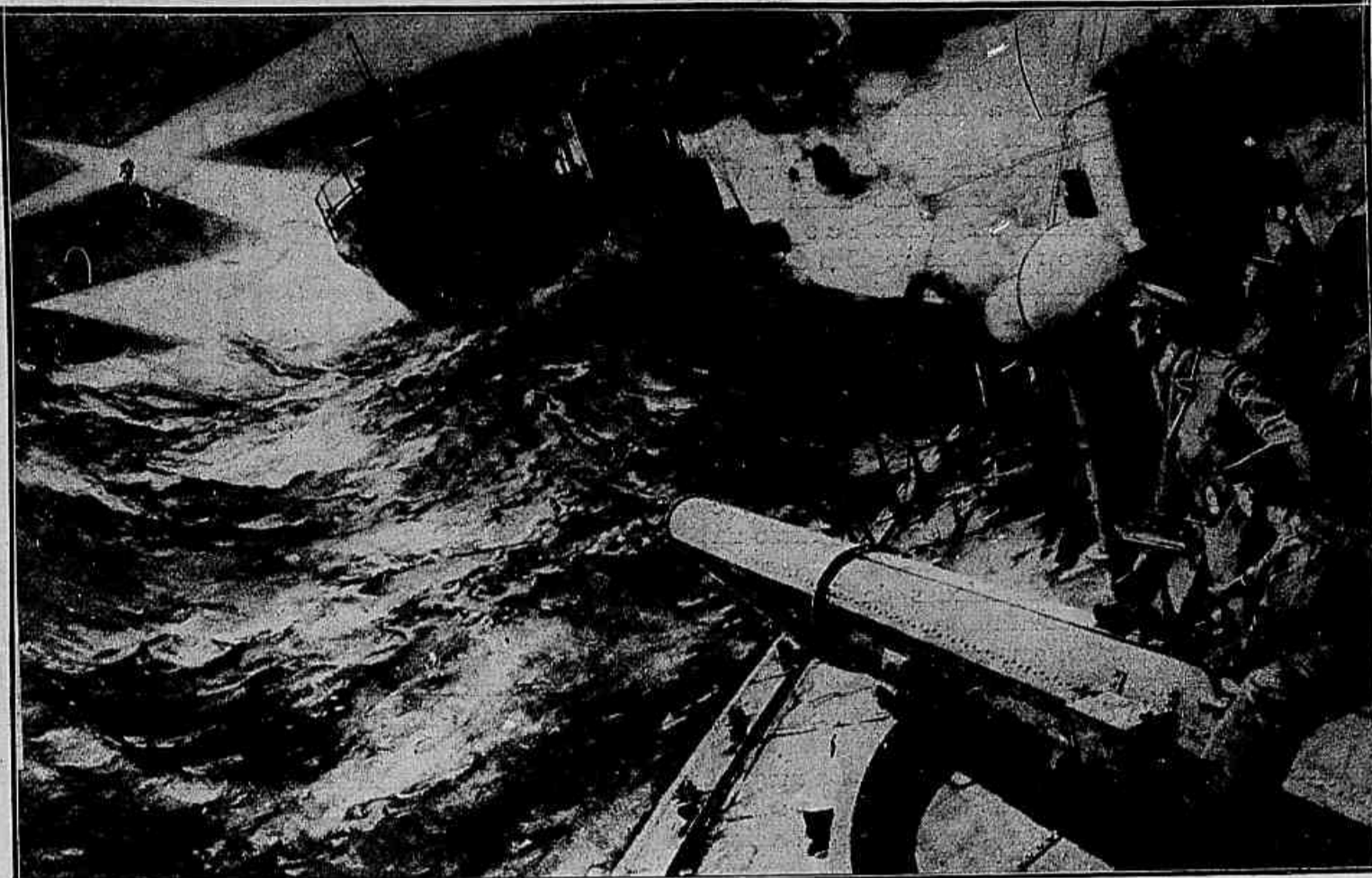
e aniquilar. Assumindo a direcção do estado-maior allemão, o general Falkenhagn revelou as suas tendencias. A *directiva* sobre Calais appareceu e a ruptura pela Picardia descobriu-se como a preocupação principal dos exercitos em operações na França.

Em Dezembro e principios de Janeiro as linhas do centro francez se enfraqueceram depois da offensiva de experiencia ordenada pelo generalissimo Joffre; os tedescos não o deixaram aproveitar d'essas circumstancias; mas a sua principal attenção não se concentrou ainda naquelles sectores. O avanço por Soissons e Reims, as tentativas que ainda a 31 de Janeiro fizeram para atravessar o Aisne, não são operações predominantes; vieram deslocar as linhas do centro francez, afim de o desarticular da esquerda dos alliados. Obtida essa desarticulação ou o retrahimento feito para evitar essa separação, aos allemães seria mais facil realizar a ruptura pela Picardia. O objectivo primordial das directivas teutonicas, neste momento, tem esse fim.

Os reforços continuam a chegar ao sector de Arras e nas que ficaram immediatas.

Os allemães formam em escalões, no valle de Oise; uma segunda linha de tropas de manobras, que, num dado momento, jogarão contra Arras e La Bassée.

Os novos ataques neste sentido já começaram desde meados de Janeiro; os francezes resistiram



Um ataque de "destroyers" allemães, evitado em tempo pelos inglezes

em Arras e os inglezes obtiveram mesmo vantagens em torno de La Bassée.

Os teutões não desanimaram por isso. O seu objectivo, como já dissemos, é, pelo ataque a Sois-

ingleza, que está em Flandres. Sendo esse o seu escopo militar, não desistiram d'elle e accumulam novos reforços para repetir a manobra.

Assim, o inverno não vae sendo tão inactivo como se suppunha.

Nas linhas do theatro oriental da guerra, os combatentes supportam 10 graus abaixo de zero.

O Niemen, que corre proximo ás fronteiras da Russia e depois penetra no seu territorio, banha Tilzit e vai desaguar no Kunisches Hopp, proximo a Rup, está gelado. Os russos aproveitaram-se d'essa circumstancia para o atravessar do trecho do territorio prussiano, que occupavam no extremo norte, para a região áquem do Niemen, que já tinham parcialmente conquistado. A offensiva visando dous pontos poude desenvolver-se com vantagem.

O ataque frontal foi decisivo e forte na linha de Stalenponen a Angerburg e a columna que atravessou o Niemen, do norte, aggredu, de flanco, o dispositivo allemão, que teve de se contrahir, entregando ao adversario toda a região que o Sorres banha, inclusive Pilkallen, que cahiu assim pela terceira ou quarta vez nas mãos das tropas moscovitas.

Até 30 de Janeiro, a situação dos dous exercitos belligerantes na Prussia Oriental era muito curiosa. Vigiavam-se mutuamente; só havia escaramuças; as linhas não estavam propriamente em contacto. Ha um mez e tanto, a situação era mais ou menos a mesma.

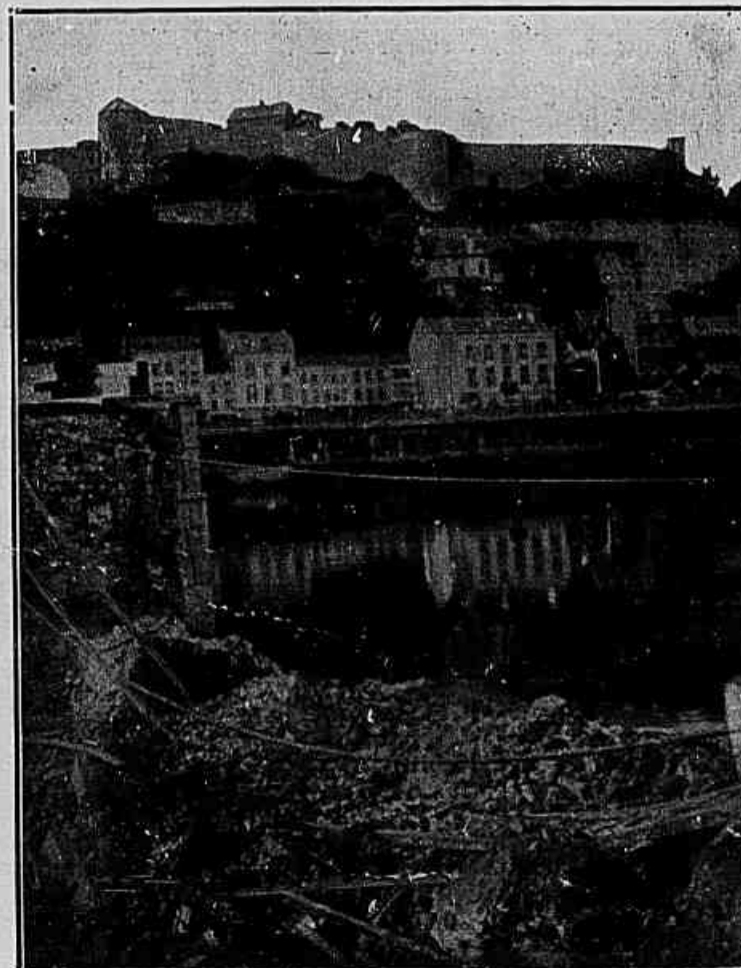


Guarda avançada allemã, junto aos canaes da Flandres

sons, desarticular a esquerda dos alliados do centro respectivo e depois fazer a ruptura na Picardia, isolando e envolvendo a extrema-esquerda franco-



Suggestões de um combate nas ruas de Hohenstein. (Batalha de Tannenberg)



Ruinias: uma ponte destruída

De 31 de Janeiro em diante, porém, os russos, podendo dispôr de mais corpos e aproveitando-se das facilidades de travessia, que offerece o Niemen gelado, tomaram a iniciativa de novas manobras naquellas regiões.

O grão-duque Nicolau e seu Estado-Maior visam atacar de flanco a esquerda dos allemães, a qual já se teve de contrahir um pouco. Se o ataque moscovita fôr feliz, se o recuo nas regiões do Surtes fôr ainda maior, Tilsit ficará ameaçado e os russos poderão chegar até á costa e entrar na região de Koenigsberg, que um telegramma diz estar com a guarnição desfalcada.

A manobra geral tenta tambem uma nova investida para além dos lagos, attingindo Allenstein e atacando pela retaguarda os exercitos prussianos, que partiram de Neidenburg, estão em Mlava e pretendem contornar o flanco do centro russo na Polonia, mas não puderam, porque, foram, como se sabe, detidos nas proximidades de Przasnysl.

Essa operação moscovita apenas se esboça e é afinal uma reproducção, em condições differentes, da acção que o general von Hindenburg annullou na batalha chamada de Tannenberg, na qual muitos criticos prussianos, viram um *Sedan* russo. Os moscovitas voltam assim lentamente para a mesma região, onde foram derrotados em Setembro e iniciam de novo a marcha perigosa para oeste, pelas estradas que os lagos marzurianos flanqueiam.



Infantaria franceza, avançando para um ataque ás trincheiras inimigas

uma convergencia estrategica. Perto de Gamlinnen, a batalha generalisa-se.

Na Polonia, o grande embate continúa. Os criticos moscovitas chamam de batalha dos quatro

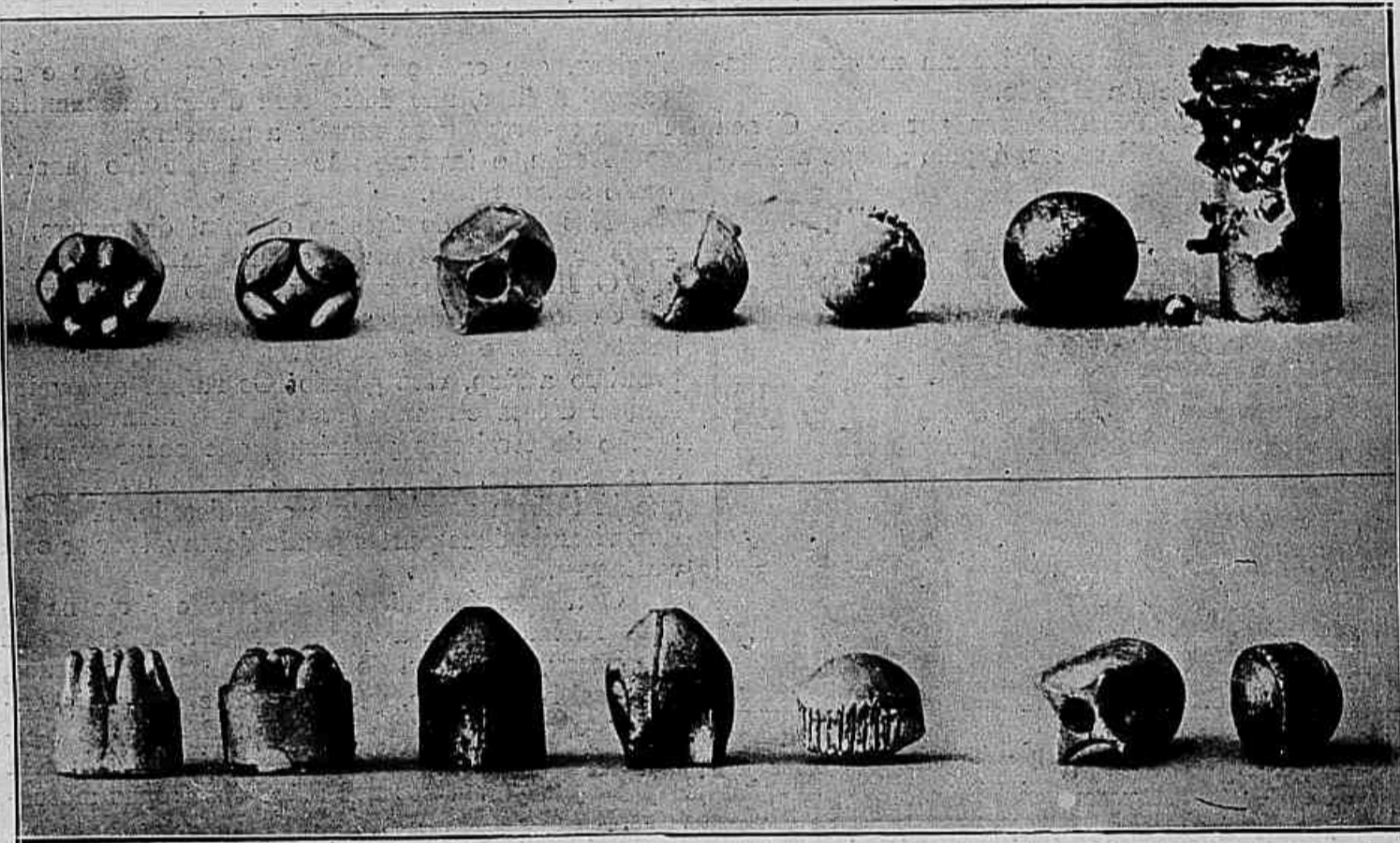
çar em direcção de Varsovia; foram detidos, mas puderam consolidar as suas linhas e transformar as operações em guerra de sitio e de posição.

Deante da investida do general von Hindenburg, o grão-duque Nicolau desistiu, por enquanto, do ataque de Cracovia e assim teve de fazer a vontade ao inimigo, porque outra cousa não queriam os allemães quando resolveram essa segunda investida contra Cracovia.

Como se sabe, Cracovia é a chave da Siberia. O grão-duque Nicolau, desistindo, por enquanto, de Cracovia, concebeu a manobra pela Prussia, e ordenou um movimento contornante do baixo Vistula, até á fronteira prussiana, para vêr se consegue cortar as communicações dos exercitos teutonicos entre Lowics (Polonia Russa) e Thorn (Prussia). Outra directiva do commando russo visa alargar a sua area de occupação na parte meridional, procurando a Bukovina e os Carpathos, onde agora se generalisam batalhas com os austriacos.

O generalissimo Joffre pretende realizar a ruptura pela Alsacia e attingir o Rheno. Os allemães recommçaram por isso a sua actividade na Alsacia, tomaram a offensiva e em principios de Fevereiro as guerrilhas e os duellos de artilharia se generalisavam pelos Vosges.

A conquista dos cumes dos Vosges foi uma das mais solidas que a estrategia franceza conseguiu, logo no começo da guerra. Houve, depois, a offensiva geral que chegou até Colmar e depois a retirada precipitada. Mas os picos dominantes ficaram sempre nas mãos dos soldados da Republica.



Balas empregadas pelos "franc-tireurs" belgas

Foram esses lagos que permittiram ao general von Hindenburg executar o envolvimento a Frederico, que triumphou. Em lutas, os outros theatros da guerra, esse envolvimento falhou e a grande operação nesse estylo que o 2º von Moltke projectou em França se annullou na batalha do Marne e na guerra de posição que se desenvolveu do Aisne.

A nova offensiva russa terá exito ou estará destinada aos mesmos fracassos da de Setembro ultimo? De boa fé, ninguem pôde responder, porque ninguem pôde avaliar os recursos reaes dos exercitos que se enfrentam.

O grão-duque Nicolau não pretende, naturalmente, conseguir grandes coisas com essa offensiva, numa zona em que as condições naturaes difficultam a invasão.

Pretende deslocar a acção, obrigar a remessa de tropas para a Russia e, portanto, descongessionar as linhas na Polonia. Esse resultado, minimo, já seria apreciavel. O resultado maximo seria a junção com as tropas que estão proximo a Mlava; a posse de toda a região dos lagos, a ruptura das communicações germanicas para além do Alla e a possibilidade de um novo sitio de Koenigsberg e de Tilsit.

Os allemães tratam, naturalmente, nesse momento de reagir, afim de impedirem a realização de quaesquer d'esses effeitos da manobra russa.

Enviaram reforços para combater e annullar a acção russa na região de Surtes, procuraram alcançar a linha de que Goldep é centro e desenvolvem nova actividade em Mlava, afim de afastarem as duas columnas moscovitas, que esboçam

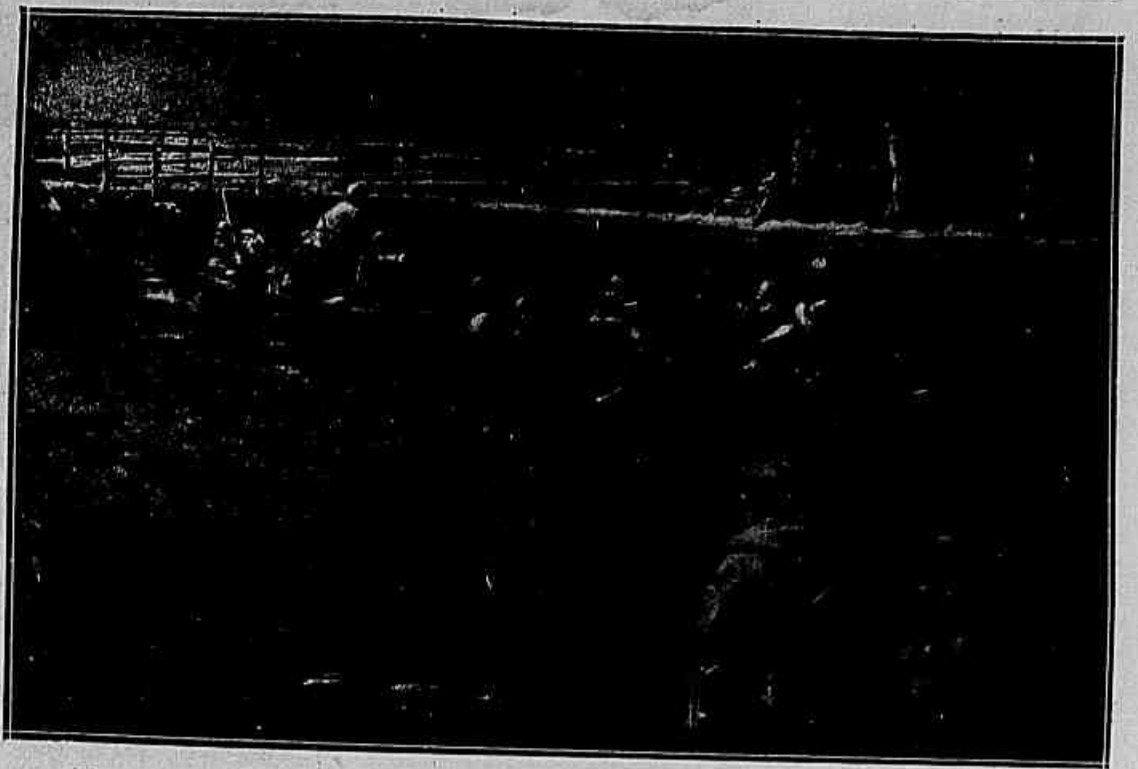
rios (Bzura, Rawka, Pilitz, Nide), o encontro da Polonia, onde os allemães não conseguiram avan-



Prisioneiros de guerra montenegrinos em Somoya, perto de Pozsonyi (Hungria)



Depois da batalha de Lemberg. Prisioneiros russos atravessando a cidade



No canal do Yser: Patrulha allemã em serviço de reconhecimento

Essa posição tem servido para proteger toda a extensão da direita franceza e consolidou todas as grandes operações da batalha do Marne, que assim se pode desenvolver sem receio de uma surpresa.

Nancy e o Grand Couronné ficaram também livres da invasão e essas conquistas dos Vorges se conservam até agora numa expectativa que não pode deixar de causar apprehensões aos allemães.

O estado-maior prussiano toma precauções para impedir uma ruptura naquellas linhas, ruptura que permittiria ás tropas francezas chegarem até ás margens do Reno. O imperador Guilherme esteve em meados de janeiro em Mulhouse, o que prova que a situação foi considerada digna de attenção especial.

Uma esquadilha allemã, composta do *Der-guinger*, *Seydilitz*, *Moltke* e *Blucher*, sahio a 24 de janeiro, mar a fóra com intuito de realizar alguns *raids*, quando encontrou uma divisão de patrulha ingleza, composta do *Princess Royal*, do *Lion*, *New-Zealand* e do *Indomitable*. Ainda as divisões eram acompanhadas, naturalmente, das pequenas unidades correspondentes.

Os vasos de guerra da Inglaterra eram mais poderosos; tinham canhões de 43 e os mais aparelhados dos tedescos só os tinham de 30. A luta foi rapida e como se deu nas proximidades das suas aguas foi possível ao almirante allemão salvar as suas principaes unidades. Com certeza, enquanto o *Blucher* recebia ordem de reagir, os outros fugiam avariados. O *Blucher* foi a pique, sacrificado, mas os outros puderam attingir as

aguas territoriaes tedescas, onde os inglezes não quizeram se aventurar.

nas o *Lion* ficou ligeiramente avariado. As partes officiaes da Allemanha dizem que, dos inglezes,



Prisioneiros russos

Os comunicados britannicos affirmam que a sua esquadilha não perdeu uma só unidade; ape-

um cruzador foi a pique, mas não lhe especificant o nome e constata a perda do *Blucher*.

Navios mercantes inglezes têm ido a pique torpedeados por submarinos allemães. E' a satyra-aviso de Conan Doyle que se procura realizar? E' o conselho dado pelo almirante Schlieper, numa serie de artigos no *Borlines Lokollanniger* que se põe em pratica na Allemanha? E' a *directiva* que o almirante ministro da marinha ordenou e antes de ordenar annunciou aos jornalistas americanos, que se executa?

Todo o mundo sabe dos receios que antes da guerra manifestava o almirante Percy Scott, que foi ha pouco incumbido de uma missão secreta pelo almirantado. Toda a gente ainda se recorda dos commentarios que se fizeram em torno do romance de Conan Doyle. O almirantado britannico, porém, continuou e continúa a acreditar firme na superioridade dos *super-dreadnoughts* que ainda hoje são, na sua opinião, so unicos senhores dos mares.

Eú penso assim. E acho que o almirantado allemão não póde encarar as cousas de outra maneira.

Os almirantes allemães devem estar estudando as possibilidades de um ataque naval com a grande esquadra. Emquanto não realizam esse feito, que os inglezes esperam com anciedade, fazem *raids* para enthusiasmar as populações.

O ataque dos submarinos aos navios mercantes que abastecem a Inglaterra são, apesar de sua habilidade, sporadicos; nunca poderão impedir a navegação. Farão muitas victimas. Farão subir a taxa dos seguros.

Mas não perturbarão a navegação em geral e serão combatidos.

O almirantado inglez estará tomando providencias, afim de obstar a acção dos submarinos germanicos.



A primeira photographia do Kronprinz, montando seu cavallo favorito, e antes de penetrar na França

Nestes seis mezes de guerra, os submarinos têm tido phases de acção e de descanso forçado... As phases de ataque são sempre interrompidas pelas medidas tomadas pelo almirantado inglez.

As façanhas dos submarinos tedescos são atrevidas e terríveis. Mas não terão nunca effeito geral. A sua acção nunca terá consequências definitivas. E' pelo menos o que affirmam as maiores autoridades em questões navaes de todos os paizes.

Nas capitaes da *Triplice Entente* continuam a correr boatos insistentes de uma retirada da Austro-Hungria.

Segundo esses rumores, o conde de Bunais, novo chanceler da monarchia dual, fôra provar aos dirigentes da Allemanha que não poderia supportar a guerra na proxima primavera, quando os outros belligerantes atirarem no theatro das operações novos milhões de homens equipados. O governo allemão teria respondido que para impedir o fracasso de sua alliada, a Allemanha enyriaria na proxima estação um contingente de 500 mil homens para reforçar as suas linhas.

Outros boatos vão além... Dizem mesmo que na monarchia dual se pensa em paz, havendo uma corrente de opinião que acha razoavel a cessão da Galicia, da Bukovina e da Bosnia.

Isso parece não ter fundamento. A olygarchia austriaca é muito altiva e se suas tropas não estão victoriosas combatem ainda com auxilio da Allemanha. Ao demais, Berlim aconselhará sempre Vienna a não ceder.

Os recursos financeiros da Austria-Hungria podem se esgotar num prazo mais curto do que os dos outros belligerantes. Mas a Allemanha e a Austria ainda possuem muitas reservas. A falta de alguns generos de alimentação das classes abastadas só agora está se manifestando: o cobre que existe no imperio allemão em diversas applicações está sendo requisitado e assim pôde fornecer materia prima, segundo escriptores allemães, para



Na Africa: como, os inglezes defendem os seus trens contra as balas allemãs

mais dous annos de isolamento commercial. Pasam sempre alguns contrabandos.

Ha falta de alguns generos que eram habitualmente importados; mas ha abundancia de outros que não podem ser exportados. Ha ainda muita reserva metallica. Se o papel emittido se desvalorizou um pouco, o que não aconteceu nos outros paizes belligerantes é porque a Allemanha está comprando muito mais do que vende. Mas ha ainda recursos para supportar a situação por al-

Em terra, as principaes operações ainda se desenrolam em territorio inimigo; só pequenas faixas fronteiriças na Prusisa e na Alsacia estão occupadas pelos soldados das nações que lhas são adversas. Por isso, na Allemanha, não há desanimo. O chanceler nas últimas declarações perante o Reichstag, o imperador nos recentes manifestos, os generaes von Folkenhayn e von Hinden-

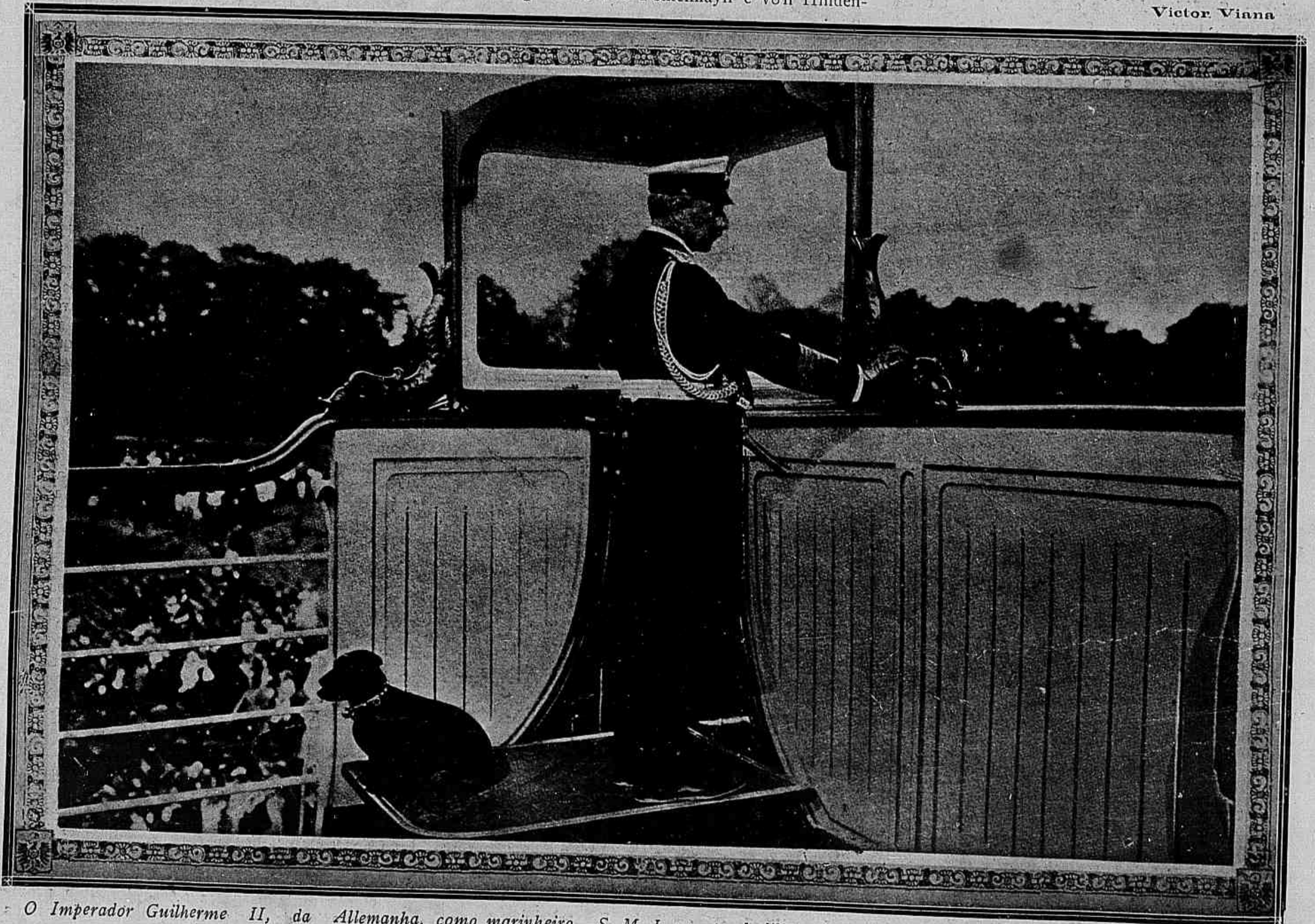
burg em *interviews* affirmaram que a Allemanha levará a guerra até o fim.

Os ministros inglezes asseguram que a Inglaterra só acceitará a paz, impondo as suas condições; os derigentes francezes fazem declarações semelhantes: e o tzar ainda outro dia reiterava o seu firme proposito de lutar até conseguir o que deseja. De modo que, não parece ter fundamento o boato de paz.

A opinião na Allemanha está confiada na victoria, como aliás a opinião na Inglaterra e na França está puramente convencida do triumpho de sua causa. A Austria está animada dos mesmos sentimentos, como a Russia.

Por enquanto, todas as grandes nações belligerantes preparam recursos para a proxima primavera e não pensam senão em batalhas.

Victor Viana



O Imperador Guilherme II, da Allemanha, como marinheiro. S. M. I. no tombadilho do "yacht" "Hohenzollern": Essa photographia foi tomada em Maio de 1913

NO "TITANIC"

Para Renato Campos

— Oh! Oh!
— E' "blague"!
— Duvido!
— Impossivel!

Eram as exclamações que se cruzavam, como floretes, naquella noite de festas, no nababesco salão, irradiantemente illuminado, do mais grandioso navio do mundo, que, nessa occasião, fazia a sua primeira viagem—o *Titanic*.

Apertava-se o cerco em torno de um moço bronzeado, cara raspada, physionomia banal e audaciosa, rigorosamente vestido, com a mais bem talhada casaca.

— Pois eu lhes juro que o farei, disse elle negligentemente, falcando, atravez do monoculo, o olhar lubrico a mergulhar nos decotes, atrevidamente.

— Oh! Oh!
— Que farcista!

— *Mister Mac-Knut* tem razão, interrompeu o velho *millionario Thomsen*, elle será capaz de atravessar o *Niagara* a nado.

— Oh!

— Não conhecem as suas proezas? Pois eu lhes conto.

Os collos arfaram, todos se approximaram, e a admiração deixou-os suspensos ás palavras do banqueiro *new-yorkino*.

Uma a uma, elle contou todas as façanhas do destemido *sportman*: era o mergulho em alto mar, a travessia do *Mississipi*, no ponto de maior correnteza, o folego prodigioso que lhe permittiu ficar não sei quantos minutos debaixo d'agua, a ultima proeza de atirar-se da ponte de *Brooklyn* e, sem... descanço, ir voltar a *Sandy Hook*...

— Bravos! interrompiam as mulheres, radiantes, que *gentleman*!

— E é por isso que muito justamente lhe chamam o rei da natação, como me denominam o rei da ulha!

— Admirável!

— Acreditamos, se *Mr. Thomsen* o affirma...

De um lado, contemplando este espectáculo com outros olhos, *Wladimir Mologoff* pensava, estudava estes caracteres diferentes, estes costumes *yankees*:

— Como era caprichoso o mundo!... Alli, naquella sociedade selecta, em que havia a escól americana, chegava ao auge da popularidade aquelle *Mac-Knut*, o nadador... Um arrivista!

Que valia esse mestiço, que fizera para bem da humanidade, da sociedade? Cousa alguma. Qual era o seu valor intellectual, a sua illustração? Nenhuma. Era um *sportman*, um individuo que tinha agéis musculos e grande folego, talvez valendo tanto como os seus collegas, os pretos mergulhadores de *Dakar*... No emtanto, se tornára o homem do dia, esperado ansiosamente em *New-York*, por milhares de pessoas, ao passo que elle, *Wladimir Mologoff*, era um obscuro, um desconhecido... E sorriu scepticamente, alisando as louras barbas de nazareno.

O joven grão-duque *Wladimir Mologoff* ficára sendo o nome mais popular na *Russia*, como o typo representativo, por excellencia, da velha nobreza slava.

Escriptor brilhante, fôra elle quem encetára corajosamente uma campanha refreadora contra a dissolução da alta aristocracia *moscovita*.

Da sua penna alastrara o fogo sagrado da virtude na campanha moralisadora. Disputavam-lhe as obras, aos milheiros espalhadas por todo o vasto imperio *moscovita*, desde a *Polonia* até os limites extremos da *Siberia* glacial.

Descendente em linha recta da dynastia dos *Holstein-Gottorp* era, portanto, primo irmão do *Czar*, de fórma que o seu primeiro livro—*Os mysterios de Nijnei-Novogorod*—fôra o assumpto mais sensacional da *Côrte*.

Desassombadamente *Wladimir Mologoff* profligara os escandalos da alta sociedade eminentemente corrupta.

Logo depois publicou o pamphleto *Do Tibre ao Neva*, para mostrar a estreita affinidade existente entre a velha *Roma* da decadencia e a *Russia* moderna e não menos dissoluta.

Chamado ao tribunal dos nobres, elle se man-

teve em attitude digna, desafiando a velha hypocrisia dos seus juizes.

Na *Duma* propoz a pena de morte para a mulher adúltera.

Foi uma verdadeira revolução, o tumulto tomou todo o Parlamento, a assembléa em peso levantou-se como para expulsal-o.

Ergueu-se, então, o venerando conde *Dmitri*, *Dmitri* o mais temível dos validos, *Dmitri* que com um acenó mandava um plebeu para o cadafalso, e um nobre para a *Siberia*, *Dmitri*, enfim, que nunca fallára, porque symbolisava a propria autocracia.

Todos se calaram.

Era o sopro gélido das *steppes* sem fim a fazer correr um calefrio pelas espinhas d'aquella fidalguia covarde.

O velho conde fez um gesto de odio e disse: —Tu, *Wladimir Mologoff*, tu que és de sangue real, te esqueces que deverias ser inspirado por Deus, e vens prégar a revolução!...

Dize: Que se deverá fazer dos individuos, cuja esposa fôr adúltera?

— A mesma pena que a da mulher, respondeu o grão-duque.

— Sim. E se fôr um nobre?

Todos tremeram, pararam a respiração para ouvir melhor.

Wladimir Mologoff porém sorriu e exclamou arrebatadamente:

— O crime do nobre é maior do que o do miseró *mufick*, o paria fal-o ás vezes por miseria, o nobre é sempre por vicio... Se a mulher de um fidalgo fôr adúltera, eu penso que este, antes de soffrer o mesmo supplicio que ella, deverá ser chicoteado na praça publica, fôra elle o proprio conde *Dmitri*, chefe da nobreza slava, descendente de *Simeão*, o orgulhoso, senhor das vastas planicies da *Ukrania*, cuja vontade flagella os *slobodes*, seus vassallos, e cuja omnipotencia faz empallidecer toda a nobreza russa! Fôra elle, repito, *Dmitri*, o temido!...

O pavor dominava.

Instintivamente todos aquelles homens se aconchegaram uns aos outros, como que para, juntos, poderem esquivar-se da tremenda catastrophe que ia succeder. Presentiam a avalanche prestes a desabar indomita, sobre aquelle pobre grão-duque que, apesar de primo do imperador, era pequenino ante o poder tenebroso que representava o conde, synthetizando a tradição e o patriado feroz, em seculos de dominio.

Dmitri ergueu os braços para o ceu, como a invocar Deus para testemunha de tamanha blasphemia, pensou denunciar o audacioso como nihilista, quiz prendel-o em nome do Santo Synodo, e cahiu sem sentidos...

Fôra vencido.

D'essa epocha em diante, a popularidade de *Wladimir Mologoff* foi espantosa; os nobres admirava-o, o povo adorava-o.

Quando elle passava em companhia d'aquella suavissima *Anna Fédora*, a esposa modelar, a princeza serena, agasalhados no trenó que quatro soberbos ponneys tartaros arrastavam vertiginosamente pelo *Neva* gelado, mais de uma vez ouvia-se o forasteiro perguntar quem era aquelle casal tão perfeito.

—E' *Wladimir Mologoff*, o puro, que vae com a esposa, a maravilhosa grã-duqueza *Anna Fédora*, a immaculada.

Wladimir Mologoff, entretanto, não era demócrata. Elle tinha, sim, uma piedade immensa pelo povo, comprehendia-lhe as dôres, procurava minorar-lhe os soffrimentos, mas não lhe concedia a ingerencia nos negocios publicos.

O redactor do *Le Temps*, *Mr. D'Amaury*, que viera de *Pariz* sómente para entrevistal-o, admirara-lhe o talento, a illustração, mas achou-o paradoxal.

—E uma natureza combativa, escrevia elle, uma cerebração de élite; seria mesmo o apostolo de um novo credo, a religião da moralidade, se esta já não fosse a base de outras religiões. Neste ponto é intransigente.

Evita o contacto do povo, acha a plebe grosseira nos seus gostos, e a turba um elemento dis-

solvente que corrompe a delicadeza das cousas, o que não deixa de ser razoavel.

Tudo isto é talvez devido ao atavismo da sua velha fidalguia, ou principalmente ao seu temperamento artistico de requintada sensibilidade.

Agora, elle vae viajar, vae á *America* para obter novos elementos para um livro em composição: *A felicidade na esposa*.

O convivio de povos crescidos livres, provavelmente influirá sobre o seu modo de pensar.

De qualquer fórma, porém, o grão-duque *Wladimir Mologoff* é uma das personalidades de maior destaque da *Europa* contemporanea."

O *Titanic* continuára a sua róta brilhante a fazer, com a opulencia de suas festas, uma travessia incomparavel.

Anna Fédora divertia-se, dava palmas com encantadora ingenuidade, beijava o marido longamente nos olhos, e dizia-lhe ao ouvido:

— Obrigada! Como és bom, como tudo isto é lindo!

E arrastava-o para o salão, onde elle entrava, sempre correcto, com aquella distincção que já lhe grangeára a estima dos demais passageiros.

Alli, *Wladimir Mologoff* proseguia nas suas observações a enriquecer o seu canhenho de notas.

Naquella noite elle deixára o esplendor do baile e se refugiára no tombadilho, para, socegado, coordenar as ideias.

Aos ouvidos chegavam-lhe meigamente a harmonia da orchestra, e o *bruhaha* das danças, na maxima animação.

E *Wladimir Mologoff* pensava, concatenava os factos, dava fórma, fazia viver os personagens da sua nova obra em gestação—*A felicidade na esposa*. Com um secreto orgulho antevia o grande successo: os bazares de *S. Petersburgo* apinhados de gente a comprar o seu novo livro, a imprensa a fazer commentarios violentos. Depois, via *Mr. D'Amaury*, com a sua physionomia intelligente de velho *noceur*, a exclamar pelas columnas do *Temps*: "*Toujours le même dans ses theories, ce grand-duc Mologoff*, seguindo uma critica imparcial e terminando com enthusiasmo, como da outra vez: "*Paradoxal, mais, tout a fait admirable, ce merveilleux doctrinaire*."

Paradoxal? sel-o-ia de facto? perguntava em consciencia.

Mas não. Cada vez achava mais justa, mais logica a sua doutrina. E com elle proprio não se dava o exemplo?

Essa serena *Anna Fédora* não o tornára o homem mais feliz da *Russia*, essa altiva princeza tão merecidamente chamada a immaculada?

Anna Fédora, do sangue generoso dos *Romanow*, cuja linhagem real vinha desde o seculo *XVI* com o *Czar Boris Goudnoff*, *Anna Fédora*, deante de cuja virtude e belleza, o sceptico *Mr. D'Amaury* se curvára dizendo "*Turris eburnea! Torre de marfim!*" como a amava e como a admirava! Fôra ella que lhe inspirara as doutrinas porque se batia, a fé de suas convicções, o culto do casamento, o fetichismo da honestidade, a crystallisação do amor!...

"*Turris eburnea!*"

E continuou a sonhar, com os olhos semi-cerrados voluptuosamente.

De repente, percebeu passos de alguém que se approximava, procurou dissimular-se para não ser importunado, e num "frou-frou" de sedas, emanando vago perfume de violetas, sentiu passar rapidamente, quasi roçando-o, uma figura de mulher, que desapareceu no camarote n. 5.

Wladimir Mologoff voltou á sua quietação, recomeçou a pensar nos subsidios para o seu livro, na maneira impiedosa com que iria estigmatizar a sociedade americana, naquella liberdade que dava á mulher todos os direitos e, portanto, lhe permittia todas as audacias.

— Ah! os maridos... são os culpados.

Involuntariamente olhou para o n. 5; uma reseta de luz atravessava a porta entreaberta.

— De quem era aquella "cabine"? E se fosse espiar?...

Mas repelliu a ideia como indigna e, para não ser tentado a fazel-o, caminhou para longe d'alli.

A luz, porém, acompanhou-o, e lá, na outra extremidade, ainda soffria a influencia d'aquelle facho tentador que o perseguia.

Pouco a pouco, sentiu a necessidade de praticar uma baixeza, ir espiar—mas era uma obsessão irresistivel...

— Que mal faz?... dizia elle. Será mais uma

pagina para o meu livro... Mas nada haverá de extraordinário, porque não fecharam a porta...

E caminhou nas pontas dos pés, todos os sentidos apurados, na subtileza de um felino á caça. Já estava á porta, a mão segurava a maçaneta, quiz retrogradar.

Respirou como se tivesse feito um grande esforço, limpou o suor abundante.

Hesitou ainda, mas a curiosidade foi mais forte e olhou.

Todo elle se concentrou na visão, parecia uma estatua, tal a sua immobildade.

Finalmente, soltou um rugido guttural, a porta abriu-se e appareceu-lhe Anna Fédora nos braços de Mac-Knut.

Com um gesto, o grão-duque impoz silencio, tirou o revólver e conteve o americano, que queria fugir.

Depois, a voz sahiu-lhe tão metálica e dura, que não parecia humana e disse com uma calma glacial:

— Grã-duqueza, neta de reis, esposa de príncipe, enlaçaste a minha honra e a tua, como se fosses uma escrava!

Immaculada, chamára-te o povo; altiva, apêlidaram-te em S. Petersburgo; maravilhosa, denominaram-te na cidade santa de Moscow... Tu corporificavas a alegria da minha vida, a nobreza da côrte, o orgulho da Russia inteira.

— Perdão!

Wladimir Mologoff abanou a cabeça, sorriu sinistramente, e proseguiu:

— Não satisfeita de seres adúltera, na perdição procuraste ser mais infame do que as concubinas, que perambulam no bairro de Viborg, em S. Petersburgo, porquanto foste procurar neste nojento mestiço a ignominia de tua quéda!

Mac-Knut procurou interrompê-lo para fazer qualquer allegação.

— Cala-te! exclamou o grão-duque, dardando-lhe o fogo do olhar, tão violento que lhe fez baixar a cabeça—cala-te! Tu, ente abjecto, estás, como a tua amante condemnado irremediavelmente! Quero, porém, pensar na maneira mais cruel de matar a ambos.

Sahiu, sentou-se junto á porta que fechára por fóra.

Quanto tempo ficou assim? Ninguém nunca o saberá...

Repentinamente, foi arrancado de sua meditação por um choque tremendo que abalou todo o navio, seguido de gritos desesperados por todos os cantos do paquete.

Assistiu ao arriarem-se as embarcações, e os passageiros precipitarem-se nellas, disputando os lugares ferozmente.

Ficou impassível.

Os clamores foram infernaes em toda a parte, de fórma que os brados de socorro que partiam do camarote n. 5 não eram ouvidos.

Passou-lhe junto um official, machinalmente. Wladimir Mologoff o segurou pela manga e perguntou-lhe pelo succedido.

— "Un iceberg!... Le Titanic coule..." respondeu-lhe num francez carregado e desappareceu a gritar uma ordem.

Da amurada alguns homens atiravam-se ao mar.

A dous passos, viu o millionario Thomsen dar um tiro nos miolos e soffrer os ultimos estertores da agonia, cahido numa poça de sangue que, aos borbotões, lhe sahia da ferida e da bocca contorcida, enquanto as pernas se encolhiam e esticavam em espasmos. Acompanhou a linha rubra que o sangue ia fazendo pelo soalho, com a attenção de creança, a observar o sulco que a agua da chuva faz na areia.

Automaticamente abriu a porta do n. 5:

Anna Fédora estava desmaiada, e Mac-Knut, prostrado, tremia todo, convulsivamente, com os olhos esgazeados, incapaz de uma reacção, como se a covardia o houvesse paralyzado.

O grão-duque sentou-se calmamente. E ninguém diria, ao vê-os reunidos, os trez, que alli estava o mais macábro quadro que possa conceber, ao qual a morte, em poucos momentos, tetricamente iria dar a ultima demão.

Wladimir Mologoff levantou-se, foi á amurada, com curiosidade observou que o navio já tinha mergulhado quatro quintos, e calculou com lucidez:—Ainda se manterá dez minutos antes de naufragar de todo.

Olto á porta do camarote e notou o americano no mesmo lugar, petrificado. Tornou á amurada, quando viu a umas dezenas de braças, uma embarcação de onde lhe gritaram:

— Venha. Ainda ha dous logares!

Pensou na vida que estava alli, a acenar-lhe, e não respondeu.

— Ande! gritaram do escaler, senão d'aqui a um minuto já será tarde.

Então, caminhou para o camarote, carregou Anna Fédora desacordada; com a mão livre seguiu como uma tenaz o pulso do mestiço, arrastou-o para fóra, mostrou-lhe a embarcação que baluçava e, collocando a esposa meigamente nos braços herculeos de Mac-Knut, o nadador, que obedecia aterrado, elle, grão-duque slavo, senhor da Bessarabia, general dos cossacos e primo-irmão do Czar de todas as Russias, Wladimir Mologoff, o puro, impelliu-o brandamente para o mar, que já invadia o tombadilho, e disse-lhe:

— Salva-a!

Tolomei Junior

(De um livro em execução)

PARIZ E AS MODAS

A hora tragica presente, parece até uma frivola audacia associar estas duas palavras: Pariz e Moda, que, antes da guerra, para nós outros formavam uma só cousa. Os acontecimentos, e a anciedade terrível que elles despertam, deixaram na sombra os interesses secundarios, como os futeis problemas, estes ultimos tão importantes em tempos normaes, de elegancia e vaidade.

A pequena parte de Europa neutral, ou inerme, a qual assiste á luta pavorosa, esquecesse de si mesma, como a multidão num circo ante o torneio de dous gladiadores. Em tempos como este, quem se anima a fallar em Modas corre o risco de ser accusado de insensato. Não obstante, se se pensar que da Moda depende um grande movimento industrial e commercial, o argumento, tratado sob esse ponto de vista, nos parecerá menos frivolo. Naturalmente, as sympathias parizienses, vão antes para os soldados, porém não se esqueçam quantos nos têm que atraz d'elles ficaram milhares de pessoas que viviam com o trabalho de suas mãos, e que esse trabalho, do qual agora mais do que nunca necessitam, depende em grande parte da Moda com as suas evoluções.

Pariz, especialmente Pariz, que era a fonte sempre activa de tudo quanto se referia ao vestuario, soffre intensamente com a interrupção dos negocios, o que se manifestou desde os primeiros dias da mobilização.

Uma particularidade terrível d'esta guerra: a de ter cahido inesperadamente sobre a França, paralyzando tudo.

Depois da guerra actual também as modificações serão importantes, e a ridicula audacia de certas *toilettes*... não mais reaparecerá: o unico fructo bom da catastrophe.

Nos dias brilhantes da "season" pariziense, casas conhecidissimas e que seguem differentes direcções haviam manifestado suas preferencias: umas pelas linhas suaves, sinuosas (Paquin); outras por uma "silhouette" mais ampla e rígida (Premet), com tendencias ás do segundo Imperio. Declarada a guerra, as saias mais em voga eram as de tunica longa com barra estreita ou de trez babados. Toda a moda de saia apertada nos tornozellos é acceite com alegria pelas senhoras, apesar dos grandes esforços dos creadores que lhes desejam dar um passo mais livre, graças a um pouco mais de largura na barra respectiva;

e esses modelos, sem a guerra, seriam os de agora.

Entre as côres, domina sempre o azul marinho, um formoso azul violaceo, quasi negro, porém mais suave e juvenil e igualmente distincto. Em seguida, vêm ás côres que não se podem distinguir — o amarello, desde seu primeiro tom, até o *marron* bem escuro. No verão passado o amarello claro estava muito em voga, em Pariz. Um oculista declarou que essa côr devia ser a preferida durante todo o anno, por isso que nos concilia o espirito Solar, inimigo do espirito das Trevas e da Discórdia, que está dominando o mundo. Temendo que as nossas leitoras sigam suavemente a indicação, diremos que a interes-



Chapéu feito de "taffetà" preto. Todo o adorno consiste em uma cinta de velludo amarrada em um laço cahido para um lado

sante revelação veio á publicidade quatro mezes antes de ser declarada a guerra.

Quanto aos chapéus, durante a estação passada em Pariz, eram todos cobertos de fazenda. A maioria, *canottiers*, cobertos de branco ou de côres, tendo a parte interior da aba forrada de preto. Com o nosso clima, porém, principalmente com a estação que estamos atravessando, aconselhamos mandal-os fazer de palha.

Afim de melhor guiarmos as nossas leitoras sobre as tendencias da Moda, damos aqui quanto disse uma das primeiras empregadas da maior casa de Pariz, e que com exquisita amabilidade fallou: "A Moda devia ser este anno, segundo a intenção de certos alfaiates ou costureiros, inte-

ramente diversa. A graça dos trajés de verão com mangas amplas sem costura no hombro; as fazendas "souples" que envolvem a *silhouette* feminina, sem mostrarem os contornos, deviam ceder logar aos vestidos que fazem sobresahir o busto e collocam a cintura no seu respectivo lugar, cousa que ha muito não se vê. Verdadeiramente, não é uma novidade. E' apenas uma exhumação pouco feliz: os mais recentes "modelos" recuaram ás anti-esthetics modas de 1878-1880, cujos figurinos nos pareciam até hontem o cumulo do mau gosto. E, para sermos sinceros, os novos modelos inspirados pela antiga moda são mais graciosos e mais artisticos. As saias são mais estreitas do que outr'ora.

"A nova tendencia da Moda — continúa — devera pôr um termo ás mangas *Raglan* e *Kimono*, que são muito elegantes para desaparecerem de todo. Por isso ainda ellas serão conservadas. Os *tailleurs* á ingleza exigem, ao contrario, a manga cosida no hombro. A moda dos bolsos continúa, tanto nas saias sós, como nos vestidos de alfaiate.

Os vestidos de passeio e de baile terão linhas mais delicadas; as tunicas com apanhados muito artisticos são elegantissimas. Bordados japonezes, tranças de seda, botões são os enfeites em voga.

Para os vestidos de baile, a Moda havia projectado refinadas maravilhas — saias "princeza" e tunicas, corpinhos terminando em ponta com grandes golas Maria Stuart e enfeites de prata e ouro. Mas, como fallar agora, em França, de theatros e de bailes? Fallemos, pois, dos chapéus indispensaveis, isto é, para todas as circumstancias.

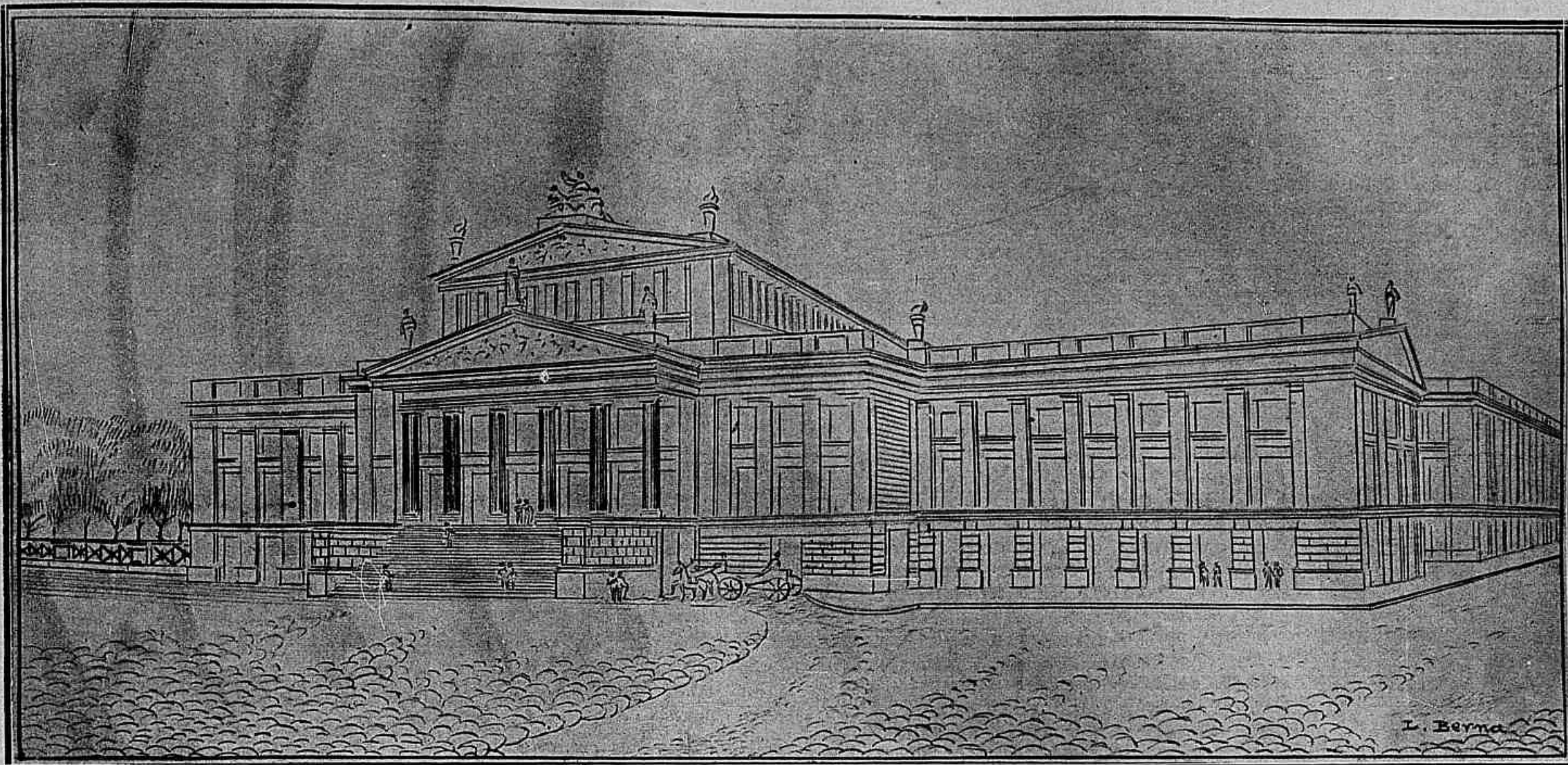
Se a guerra terminasse de prompto, refazendo a vida pariziense, haveria, certamente, uma grande revolução na Moda. Como não ha esperança d'isso já se falla em crear modas no estrangeiro, para mais tarde se tornarem independentes de Pariz. E' uma fantazia passageira que acabará, apenas terminem as hostilidades? *Chi lo sá?*

A verdade que fica: a guerra não termina agora. E Pariz, como antes da conflagração, não será jamais a unica exportadora da Moda.

N.



Se as Exmas. Sras. conhecessem os magnificos e seguros effeitos dos legitimos "Comprimidos Bayer de Aspirina", não soffreriam mais das insupportaveis dôres de cabeça e de dentes, neuralgias, colicas menstruaes, etc.



Perspectiva do angulo do projecto para o Palacio do "Forum", da cidade do Rio de Janeiro, galardoado em 1º lugar, no concurso realizado na antiga Academia Imperial de Bellas Artes, em Novembro de 1887, cabendo o premio de viagem á Europa a seu autor o hoje professor Ludovico Berna, da Escola Nacional de Bellas Artes e nosso collaborador. Foram julgadores do referido concurso todos os lentes de então, na secção de Architectura Civil, sejam: João Maximiliano Mafra, Bethencourt da Silva, Ernesto Gomes M. Maia e D. Araujo e Silva. Nesse projecto, pela primeira vez, seu autor cogitou de construir, nos vãos das intercolumnas, vastas salas para serem arrendadas a advogados e sollicitadores. O trabalho acima reproduzido era até hoje inédito.

EVOCÇÕES ARTISTICAS

"Vergine Madre, figlia del tuo figlio,
Quella che imparadisa la mia mente,
Ogni basso pensier dal cor m'avulse!"

DANTE

Um mestre da Arte Brasileira: João Maximiliano Mafra; professor de "Architectura Decorativa", na antiga Academia Imperial de Bellas Artes.

A OBRA suggestiva de Emile Faguet outra cousa não é senão um libello contra a epocha em que vivemos, empolgados pelo vil e arido materialismo. De facto, não crêmos que tenha havido na historia tamanho transbordamento de paixões egoistas — uma corrupção tão pronunciada dos costumes, um eclipse tão demorado da moral provada e publica, o unico alicerce sobre o qual deve-se levantar o edificio de toda a sociedade culta. Por isso mesmo, é de veras consolador, evocar e vêr surgir, em um meio assim desorganizado, um vulto como o do professor João Maximiliano Mafra, absorvido por um ideal ainda longinquo, alheio ás ingrátides dos surdos e possuido de uma só paixão, a da victoria da Arte pela Arte.

No exercicio dos cargos que occupou o mestre alludido poz sempre todo o entusiasmo da mocidade, e todas as energias da idade viril. Nada poude lhe abater a coragem, cançando-lhe a perseverança a toda a prova. Falharam nesse sentido os despeitos sem conta, inseparaveis de quem não possui o doblez dos microcephalos; o isolamento profundo, em que o deixaram aquelles que tinham uma parcella qualquer de autoridade; a indiferença da turba ignorante, rica ou pobre; e as decepções crueis que fazem a partilha dos que nada pedem!

Só o amor de Deus encheu e transbordou em vida o coração do professor Mafra, que assim poude vencer os obstáculos apparentemente insuperaveis da inveja e do despeito dos nullos. Escudado no echo cheio de encantos do incomparavel versiculo de amor universal, cantado pelo immortal auctor da *Imitação de Christo*, d'esse amor que torna leve a mais pesada carga, e agradável o que é amargo, nada lhe foi custoso — tudo é facil — é nada lhe foi impossivel — tudo é possivel.

Foi nessa religião de Fé e de Esperança, nessa fonte inesgotavel de amor e de progresso, que o professor João Maximiliano Mafra teve que retemperar as energias de cidadão e de artista. Tendo por modelo espiritual a Leonardo Da Vinci, e nelle sempre fitos os olhos e o pensamento, pelo exemp. dado por esse super-homem, que dedicou ao serviço dos diversos ramos das Bellas Artes,



Estatua de D. Pedro I, na Praça Tiradentes nesta capital "cuja concepção extraordinaria e feliz é da lavra do professor João Maximiliano Mafra", por isso premiado em concurso publico em 1848.

das Sciencias e das Bellas Letras, todo o prestigio de seu espirito prodigioso — por isso que os vemos como honra de nossa raça — o professor Mafra foi tambem architecto e pintor. O primeiro artista assim, no Brazil — uma de suas glorias, — o professor Mafra soube imitar, na medida de suas forças e na altura da civilização da epocha em que viveu, aquelle que escolheu como guia, seja o maior e o mais digno dos mestres da

O mais antigo, e até á presente data, o mais artistico, portanto o melhor dos nossos monumentos é ainda aquelle que a sanção da Historia construiu como tributo devido pelas gerações viventes aos grandes vultos das gerações passadas — o de Pedro I, fundador da nacionalidade brasileira, e cuja concepção extraordinaria e feliz é da lavra do professor João Maximiliano Mafra, que alcançou o primeiro lugar, em concurso publico em 1848. A 1 de Janeiro de 1852 lançou-se a pedra fundamental, e a 1 de Março foi com toda a solemnidade inaugurado o monumento, cujo custo importou em Rs. 334:710\$000 de nossa moeda.

Outra obra de valor do professor Mafra é o bellissimo quadro o *A Damnação de Caim*, téla preciosa que pode ser vista e admirada na galeria de pintura da Escola de Bellas Artes.

Tombou em idade avançada, não poude entrever, sequer, o porvir brilhante que ajudou a preparar para a Arte Nacional.

Eis o quadro, esboçado a largos traços, dos sentimentos altruistas que santificaram a existencia do professor Mafra. Elevadas qualidades exornavam o douto artista e mestre. Adorava a musica, tanto quanto a poesia, porque tinha o mesmo entusiasmo de um poeta. E elle era um poeta! Se os seus trabalhos e absorventes occupações de secretario da Academia de Bellas Artes não lhe deixaram nunca tempo para compôr versos, a sua palestra possuía todas as qualidades inherentes, que constituem o verdadeiro saber poetico. Aliás, quanto ao moral, elle tinha todos os predicados preciosos de um poeta digno de tal titulo, como tambem os de um philosopho. Foi um modelo perfeito de equidade, correcção, modestia, prudencia e piedade. Seu culto pela mulher era uma prova incontestavel do seu caracter e aquelles que o conheceram devem se recordar das palavras que elle sabia dispôr, para exaltar das qualidades femininas e ennobrecer o papel social da mulher, como Mãe, Esposa e Irmã. Desgraçadamente, na sociedade actual, esses sentimentos estão baralhados com os impulsos egoistas os mais grosseiros devidos á anarchia mental e ao desregramento moral e social dos tempos que correm.

Aquí ficam estas breves notas sobre a vida do venerando e douto mestre brasileiro, a quem devo o pouco que sei de arte decorativa e estylos ornamentaes, por ter sido o menos aproveitado dos seus alumnos.

Janeiro, 1914.

João Ludovico Berna
(Prof. da Escola Nacional de Bellas Artes)

SPORT

A NOTA mais importante da quinzena sportiva foi o desastre de aviação que victimou o destemido aviador argentino Ambrosio Garaggiolo. Uma nota importante, a mais importante, sim; mas uma nota triste, dolorosamente triste.

A chronica diaria dos orgãos da imprensa carioca tratou já d'este facto largamente. Noticiou-o, apreciou-o, discutiu-o, de fórma que, hoje, elle fica um caso jul-



Mlle. Irene de Souza, premio do concurso de belleza feminina, realizado no "picnic" do "Club Nataçao e Regatas", na Ilha do Engenho.

gado sob todos os pontos de vista, muito embora a vontade má de alguns patricios do inventor do aeroplano, que foi o esquite de Garaggiolo, tente ainda—quando escrevemos—e servindo-se de meios esquivos, conserval-o de pé, provocando uma reunião do Aero-Club Brasileiro, afim de expt'sar de seu seio o inventor Sr. J. Alvear.

O desastre de aviação alludido, se nos não enganamos o primeiro que se dá no Brazil em taes condições, occorreu da seguinte fórma e em resumo: o Sr. J. Alvear inventou um aparelho-aeroplano. Inventou-o — desenhou-o, tomou-lhe todas as proporções — e contruiu-o. Nessa parte de seu trabalho, auxiliou-o e bastante aviador argentino Ambrosio Garaggiolo. Prompta a machina, preparou-se tudo, e as experiencias não se fizeram esperar, realizando-se umas após outras e sempre com os melhores resultados. Garaggiolo, emerito piloto—theorico e pratico, professor de escola de aviação e aviador de "carreira" — cortou os ares cariocas innumeras vezes, levando o aparelho "Alvear" até a uma altura superior a mil metros. Com isto fez evoluções bellissimas, isto é, sujeitou o invento nacional a todas as provas, ficando, por fim, satisfetissimo.

A imprensa carioca noticiou o invento do Sr. J. Alvear e as experiencias realizadas com elle, commentando os factos lisongeiramente sempre. *A Illustração Brasileira* como todos os diarios e as revistas d'esta capital, reproduziu photographias do inventor e do piloto do aeroplano "Alvear", bem assim d'este aparelho no hangar como em pleno espaço, navegando sereno e seguro.

Houve, porém, que para o domingo 7 do corrente, os aviadores Bergmann, brasileiro, e Garaggiolo organizaram um meeting de aviação, no prado do Derby-Club, meeting que despertou as maiores atencões, por isso que áquelle hippodromo compareceram centenas e centenas de espectadores.

O programma do meeting era vasto. Compunha-se de um sem numero de cousas bellas a fazer no ar, por ambos os aviadores referidos. O vento, porém, soprava, na hora de iniciar a festa, com certa força. Não era violento o vento, mas possuía a velocidade bastante, para perturbar uma amostra simples embora de acrobacia aerea. Bergmann e Garaggiolo, como tambem o Sr. J. Alvear, o promotor do meeting, hesitavam em dar começo a este. Garaggiolo, entretanto, decidiu-se a subir. Deu ordens ao mecanico, reparou na sua machina, mettu-se-lhe no "ventre". O monoplano "Alvear roncou, e, ao larga! de praxe, se suspendeu no ar, e d'elle se fazia senhor, dentro em breve—senhor do ar pleno — se breve tambem lhe não vissem os presentes no Derby desaranjado, desobediente, pesado no espaço e cahindo vertiginosamente. Subira pouco a machina. Cahindo elle, porém, sobre umas arvores proximas ao local de onde largara, succedeu receber o motor um choque imprevisto, explodindo. O desastre de aviação, commum e inevitavel, o desastre da queda aggravou-se, pois, com tal choque, morrendo carbonizado o infeliz Garaggiolo.

Tudo resultou de um "desastre de aviação". Apenas. *Sabotage?* Defeitos de invenção e construcção da machina? Inha-



O "team" do C. R. do Flamengo, vencedor do "Tug-off-war", na festa de Sports Athleticos do S. Christovão A. C., em 17 de Janeiro ultimo

bilidade do piloto? Nada d'isto. "Desastre de aviação" tão sómente. No mais, de referencia directamente ao aviador argentino Ambrosio Garaggiolo, o destemido piloto do aeroplano "Alvear"—"era o que tinha de ser!"

TURF

O turf, entre nós, está em férias, ao momento. O prado de Santa Cruz não satisfaz, por todos os titulos. Os programas de seus meetings são deficientes. Orga-



Angelo Gammara, do Nataçao, vencedor do desafio de nataçao, Bezzosi-Gammara, na distancia de 1.000 metros.

nizados com difficuldades, com a inscripção forçada de animaes, estes ainda fazem *forfait*, quando é da realizacão de um e de outro pareo.

E passemos adeante.

Em S. Paulo, o que houve a maior foi o pareo "Dr. Eloy Chaves", que reuniu um numero regular de parrelheiros, os melhores do turf paulistano e um excellente representante do turf carioca. Este, o Black-Sea, diga-se logo, venceu tal prova e facil. Seu jockey, o nacional Protazio, não precisou lançar mão de nenhum de seu serios recursos de honesto profissional, trazendo Black-Sea ao vencedor com calma e despreoccupado.

O segundo lugar, pegou-o Paraguassu', que voltando a correr, depois de passar a novo proprietario e de sujeital-o a sério tratamento, se portou admiravelmente, resistindo a todos os atropellos, movidos ora por Jumper, ora por Mastroquet e ora por Candidato. O valoroso filho de Rabelais, o bem formado ex-pensionista do Sr. Paula Machado, sómente não lutou com Black-Sea, que, correndo na espectativa, occupou a vanguarda logo que assim entendeu seu piloto o festejado Protazio.

O turf carioca, nesse instante, está sendo cuidado para a proxima temporada. Os proprietarios de nossos studs vão a Argentina comprar animaes, experimentados ou não, ou encomendar a seus representantes na Inglaterra.

pistas alguns parrelheiros desconhecidos dos turfmen cariocas. Ao que se diz, são elles mesmos os melhores parrelheiros com que contam os proprietarios das condelarias principaes d'esta capital.

LAWN-TENNIS

BOTAFOGO F. C.

Foi um verdadeiro successo o campeonato de "law-tennis", pela primeira vez instituido no seio d'este querido club.

As provas foram disputadas unicamente por cavalheiros, divididas em duas classes "singles" e "doubles".

A prova de "doubles" foi disputada por pontos, sahindo vencedora o duplo Mario Fontenelle e J. Couto.

A prova de "singles" foi por eliminatória, cabendo ainda a victoria ao Sr. Mario Fontenelle, que se tem revelado um excellent "tennista".

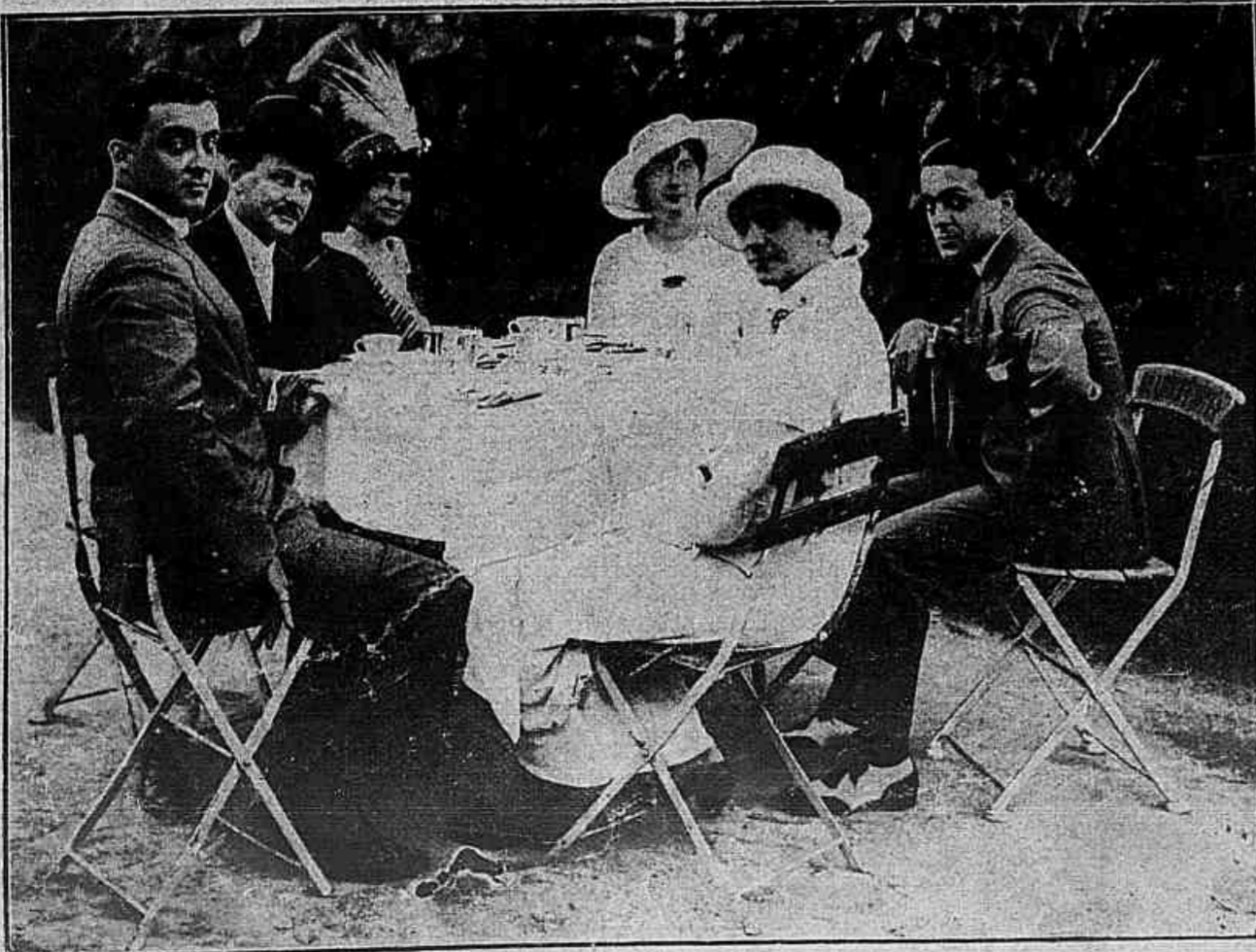
O segundo logar foi obtido pelo Sr. Pullem.

Estas provas foram grandemente promissoras, não só para seu campeonato, como tambem para a representacão do Botafogo, no campeonato da Metropolitana.

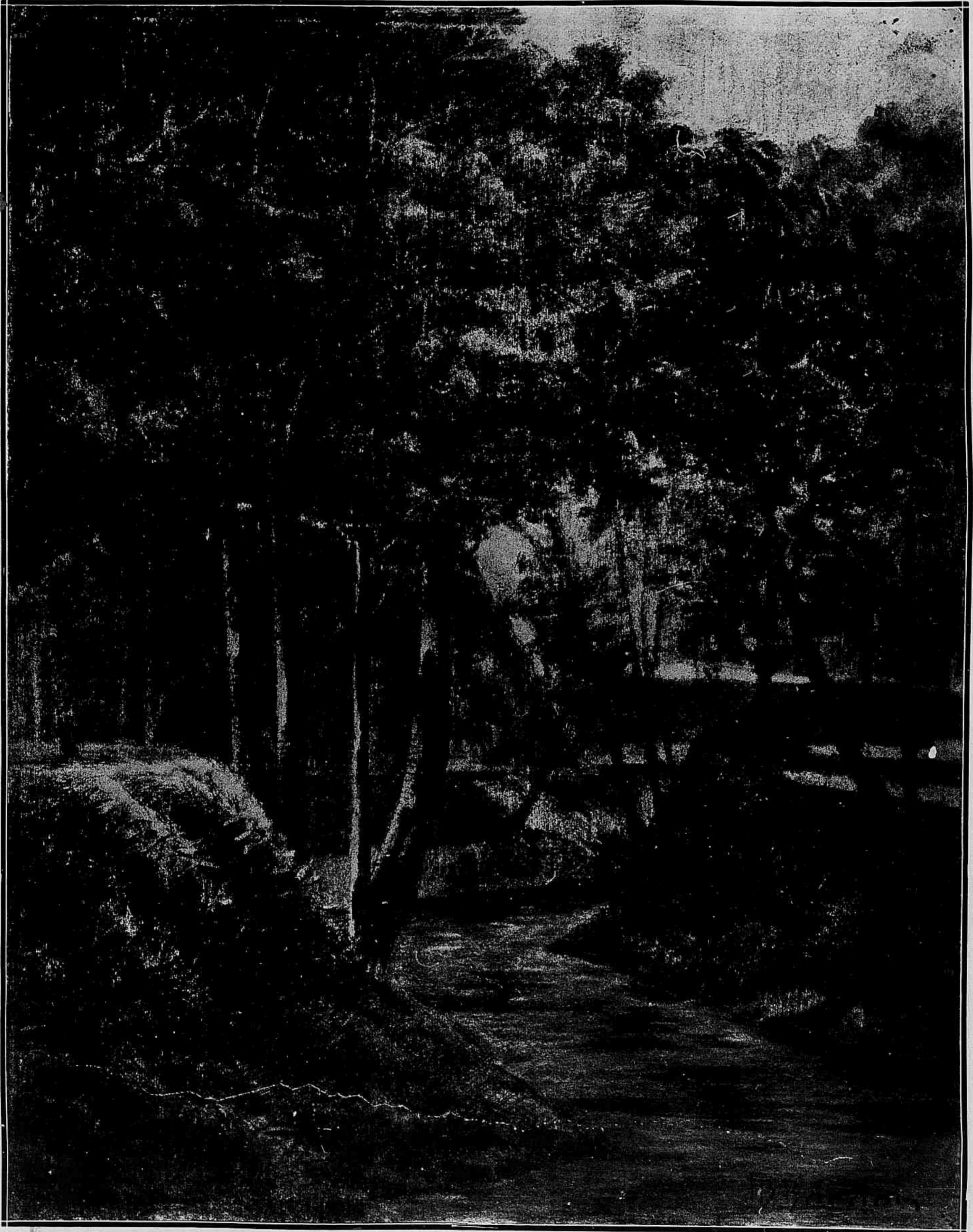
E' quasi certa a ida a Petropolis de uma representacão carioca, para disputar alguns "games" com o Fluminense, no Club Petropolitano.



Salvador Gammara, de 11 annos, que venceu o segundo premio no concurso.



Um momento do picnic no qual se achava Dr. Luiz Boracelli, thesoureiro do "Flu-



Recanto da Westphalia, Petropolis

(Carvão de J. B. Bourdon, especialmente trabalhado para A ILUSTRACÃO)

FAL TAM

PAGS. I E II

**CHRONICA COMMERCIAL E FINAN-
CEIRA**

GOVERNO emittiu *bonus* ouro com o juro de 5% e papel com o juro de 6%. Foi o resultado das cogitações des que desejavam pagar aos credores do Estado sem nova emissão de papel-moeda. Nunca tivemos entusiasmo por essa solução, que sempre nos pareceu inconveniente.

O que precipitou a crise financeira do governo federal foi a saturação dos mercados internos de apolices, para construcções de estradas de ferro; num momento dado, o Sr. Francisco Salles teve de suspender a emissão de apolices, que o publico repellia, e fazer o pagamento em especie. Tudo então, que já ia mal, desmoronou.

Agora aventuram a solução dos *bonus*. Vieram os *bonus* e a crise se agravou. Todo o mundo percebe que os *bonus* sofrerão baixa e que o mercado os repellirá. Então, a Associação Commercial e diversos jornaes voltaram atraz e pedem poder liberatorio para esses *bonus* ou resgate d'elles, por uma emissão de papel-moeda.

A situação do Thesouro é cada vez mais difficil; ora, será possível o resgate d'esses *bonus*, no tempo marcado? Parece que não. A megalomania e o dominio dos incompetentes nos atiraram á crise formidavel em que nos debatemos. Tudo isso foi devido á insubordinação das maiorias parlamentares aos conselhos dos estudiosos.

Agora, com o cambio a 12, a renda sempre a baixar, fabricas fechadas, o credito exaustivo, é bem difficil encontrar solução. Se a conflagração européa não terminar rapidamente, por um accordo geral, a nossa crise irá se agravando e teremos de recorrer a novas emissões de papel. Somos intransigentes adversarios d'essas emissões e sempre temos combatido os papelistas, que tanto mal têm feito a este paiz. Mas, a situação nos vae conduzindo a outra emissão, porque faltará, em breve, o numerario para os pagamentos normaes da administração.

Tudo ficará mais caro; as classes productoras não terão o menor beneficio; o cambio baixará ainda mais. A vida tornar-se-á carissima. Mas será difficil, senão impossivel, encontrar outra solução.

A que parecia mais desastrosa é a unica possível. A isso nos vae obrigar a politica bohemia que ha oito annos desorganiza o paiz.

Os dados da estatistica commercial provam o grande abatimento que soffre o Brazil.

A importação de mercadorias foi em 1910, de 713.863 contra papel; em 1911, de 793.716; em 1912, 951.396; em 1913, de 1.007.495; e em 1914, de 561.210. A exportação foi em 1910, de 939.413, contra papel; em 1911, de 1.603.925; em 1912, de 1.19.737; em 1913, de 972.731; e em 1914, de 750.744.

Reduzidos a libras esterlinas, esses valores, assim se exprimem:

	Export.	Import.
1910	64.092	74.872
1911	66.879	52.822
1912	74.649	63.425
1913	64.849	67.166
1914	46.511	35.439

A importação em especíes metallicas e notas de bancos estrangeiros, foi de 9.440 libras em 1900; 7.840 em 1911; 5.003 em 1912; 1.248 em 1913, e 852 em 1914. A exportação foi de 2.332 em 1910; de 2.045 em 1911; de 1.472 em 1912; de 6.061 em 1913, e de 8.267 em 1914.

Nestes ultimos cinco annos exportamos, portanto, mercadorias no valor de 322.580 e recebemos 25.383 libras em especíes e notas. Importamos mercadoria na importância de 266.724 e exportamos em especíes e notas valores computados em 20.538.

Se nos fôssemos guiar sómente por essa estatistica, a nossa situação não poderia ser como é de penuria. Porque então com esse saldo commercial não temos numerario, não temos credito para o proprio movimento normal de transacções? Porque andamos ha dez annos a immobilisar todo o saldo do nosso commercio estrangeiro, a immobilisar o saldo dos emprestimos, a

crear novas dividas. As grandes construcções tornaram fixos os capitais concorrentes e esses capitais immobilisados não renderam e não receberam depois a ajuda de outros para movimentar o que tinham immobilisado.

Não foi, portanto, o trabalho nacional que faltou. Foi a desordem administrativa que atrapalhou tudo. Foi a carencia de educação das classes productoras que não soube applicar os saldos dos tempos de abundancia. Prodigalidade, a bohemia nos governos e nos particulares. Faziamos tantas despezas, immobilisavamos immediatamente o que ganhavamos que para a movimentação de tudo que iam iniciando ou continuando precisavamos dos capitais estrangeiros. Quando esses capitais estrangeiros faltaram tudo se paralysoou.

O governo tinha feito obras de mais e os particulares em todos os Estados tinham applicado todo o saldo da lavoura em construcções urbanas.

Todo o nosso trabalho se resentiu d'isso e a grande perturbação das finanças da União, dos Estados e dos Municipios reflectiu na economia nacional.

O café continúa baixo, a borracha aviltada; o algodão sustentado e o assucar com tendencias para alta...

O Sr. Caillaux denunciou um dos nossos vicios commerciaes; elle veio aqui para comprar assucar; os productores tentaram vender a preços tão altos, querendo aproveitar da situação, que foi adquirir tudo na Argentina.

Ha, entretanto, a consignar a primeira remessa brasileira de carnes frigorificas para o Reino-Unido.

V. V.

Dois artistas paraguayos

Modesto Delgado Rodas, pintor, nasceu no Paraguay, em Villeta, d'ahi sahindo em 1903. Conhecendo sua vocação para a pintura e com auxilio de um seu primo-irmão, Sr. Pedro Arrua Rodas, Modesto, muito joven ainda, chegou a Buenos Ayres. De Villeta a essa capital era brusca, sem duvida, a mudança do ambiente. Entretanto, não lhe faltou, a Modesto Rodas, o alento necessario para desafiar o futuro. Sentia-se, pôde-se dizer, com azas para voar, encontrando o espaço onde realizar seu vôo, largo e sereno.

Contando com o concurso valioso do referido seu parente e amigo, que desde então consagrou suas maiores energias em acabava de nutrir seu prestigio intellectual artistico dos seus — realizando assim o



Modesto Delgado Rodas

ideal de que a caridade bem entendida deve começar dentro da casa de quem a pratica — contando com essa abnegada collaboração que não lhe faltou nunca, até hoje, pode entrar na Escola de Bellas Artes de Buenos Ayres, em Setembro do citado anno. Ao finalizar o curso, obteve Modesto Rodas o primeiro premio em Dezembro. Assim foi que todos seus estudos terminaram em 1906, realizando em trez annos o que deveria fazer em seis.

Diplomado pela Escola de Buenos Ayres, Modesto Rodas regressou ao Paraguay, a conselho do então ministro d'esta Republica junto ao governo argentino, Dr. José Zacharias Caminos, que o recommendou ao presidente do Paraguay, Dr. Cecilio Baez. Homem superior, o chefe da nação, patria de Modesto Rodas, e que acabava de nutrir seu prestigio intellectual com uma viagem de estudos á Europa e aos Estados Unidos, e apreciava por conseguinte toda a influencia da arte pictorica para completar e aperfeiçoar a cul-

tura dos povos, acolheu o joven artista calorosamente, pedindo para elle uma pensão, em mensagem especial dirigida ao Congresso. Foi então que o Sr. Juan Silvano Godoy, futuro biographo do saudoso brasileiro barão do Rio Branco, escreveu um artigo em *Los Sucesos*, de Assumpção, saudando Delgado Rodas como uma gloria nacional, dentro de poucos annos. Entre as theorias que sustentava o mencionado publicista deve-se ainda hoje lem-



Salvador Delgado Rodas

brar que os povos se perpetuam atravez da historia, não por suas esquadras e por seus exercitos, mas pelas creações genias de seus representantes, seja na tela, no bronze, ou no marmore. E affirmava que Tantardin morreu abraçado a seu ideal, que Ghiberti consagrou 20 annos de sua vida em esculpir as portas do Baptisterio de San Juan, em Florença, e que os povos devem provar que possuem não só bons musculos, mas também almas e cerebros: porque não basta, por fim, serem ricos e rusticos — "um monstro, sem coração nem cabeça" — é necessario mergulhar o espirito em algum ideal, para merecer o respeito e a consideração da humanidade civilizada; por cada hectare de terra cultivada, por cada kilo de cerael exportado, deve haver, em proporção, nas almas um sopro de idealismo e de sonho.

De passagem para a Europa, Delgado Rodas esteve aqui, no Rio de Janeiro, demorando-se sete mezes. Acolheu-o nesta capital, carinhosamente, Rodolpho Bernardelli, director da Escola Nacional de Bellas Artes, e a quem o recommendara o Dr. Felix Bocayuva, então Encarregado dos Negocios do Brazil no Paraguay.

No Rio, teve oportunidade de fazer alguns trabalhos, entre elles um retrato a crayon do Dr. Tavares de Lyra, nosso ministro do Interior, na epocha. Elogiou esse retrato o *Jornal do Commercio* de 1 de Janeiro de 1908.

Rodolpho Bernardelli, depois de examinar os trabalhos de Delgado Rodas, trabalhos trazidos de Buenos Ayres, prophetizou que o joven pintor "seria uma gloria não só paraguayana, também americana."

Ainda agora, isto é, momentos antes de estas escrevermos, apreciamos, na vitrine de um estabelecimento commercial da Avenida Rio Branco, um quadro a oleo de Delgado Rodas. Pintado do natural, mostra-nos elle as ruinas do Fóro Romano. Contemplando essa obra, pela primeira vez, como impressão fugaz ante os olhos não iniciados nos segredos da arte, um *amateur* observou que ella lhe trazia uma vaga reminiscencia do quadro *El Calvario de Sagunto*, de Santiago Rusiñol, o qual se exhibiu no Museu de Bellas Artes, de Assumpção. *El Calvario de Sagunto* foi adquirido em 1910, directamente a Santiago Rusiñol, expositor, então, na capital do Paraguay.

Delgado Rodas, actualmente, acha-se em Roma, aperfeiçoando seus estudos.

Salvador Delgado Rodas. Escultor. Também natural de Villeta. Ex-alumno de desenho do Instituto Paraguayo, de Assumpção.

Em companhia de seu irmão, Modesto Delgado Rodas foi trazido até o Rio de Janeiro pelo seu primo-irmão Sr. Pedro Arrua Rodas. Como uma excepção e por especial deferencia, Rodolpho Bernardelli o admittiu em seu *atelier*, afim de prepararse, para poder entrar na Escola Nacional de Bellas Artes, ali completando o curso de seis annos de Escultura.

Entre os trabalhos que fez no Rio, pôde

ser mencionado o ornato completo do Palacio Episcopal, na Praça da Gloria. Trabalhou trez annos nesas obra. No seu *atelier*, recebeu o joven artista, todos os notáveis de seu paiz que aqui estiveram, ou passaram por esta capital, tal o Dr. Cecilio Baez, e mais o escultor uruguayo José Luiz Zorilla de San Martin.

A bordo do *P. Mafalda*, que passou por nosso porto, a 9 do corrente, com destino a Buenos Ayres, regressou Salvador Rodas a seu paiz. E' este o primeiro escultor paraguayano feito em nosso meio e numa instituição Brasileira.

Salvador, como Modesto, pôz em toda sua obra a rara energia propria de sua raça.

Ambos esses artistas fizeram já o mais difficil: são os estudos de iniciação na carreira. D'ahi para chegarem ao exito definitivo nada mais ha que um passo, e esse passo levam a dar, a Modesto e a Salvador o genio e a inspiração.

—*—

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

E' a mesa cheia de *plaquettes* de todo feito. Os poetas, como sempre, nesse paiz que já se nega seja o decantado essencialmente agricola, occupam o primeiro plano: quer no numero, quer na qualidade também. Assim, pois, vejamos os poetas. E comecemos pelo Sr. Costa Victor, autor d'*A Tragedia Divina*, bem trabalhada *plaque*te materialmente, com *couverture* e illustrações apropriadas ao texto, de Calixto Cordeiro, o illustrador que tanto se faz apreciar em sua collaboração nesta revista.

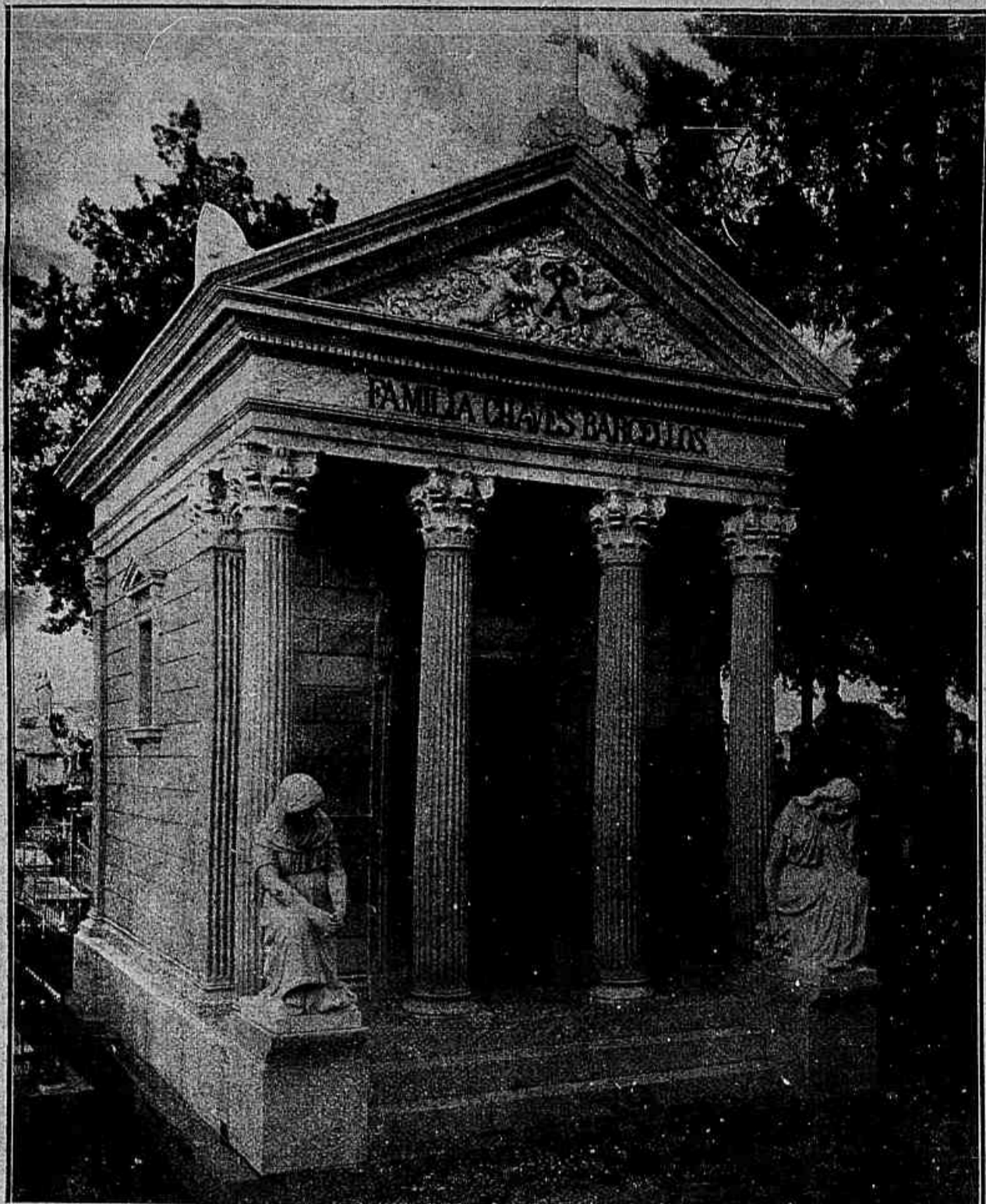
A Tragedia Divina é um trabalho que, de qualquer forma, recommenda o seu autor. Este, manda a verdade dizer, poeta que deixa algo a desejar, soube ainda arrancar novidade ao velho e conhecidissimo assumpto do drama da vida, paixão e morte de Christo. Feliz ou infeliz o Sr. Costa Victor, engendrando a bizarra intriga do seu poema? A nossa opinião, queira ou não a aceitar o poeta, é que toda sua caprichosa obra nada adianta, sob quaisquer pontos de vista. Uns tantos escriptores, que saibamos, exploraram já o assumpto do *suje*t d'*A Tragedia Divina*. Por isso, Maurice Maeterlinck, entre outros, embora fantasiasse e... philosophasse transcendentemente e metaphysicamente sobre o *casus*, foi posto no "Index, quer dizer, cahiu no desagrado de toda a humanidade christã.

Audaciosa e ousada *A Tragedia Divina* fica por fim escandalosa. Se isto fez o intuito maior do Sr. Costa Victor—os exemplos em tal sentido são sem conta—parabens ao poeta, que o conseguiu!...

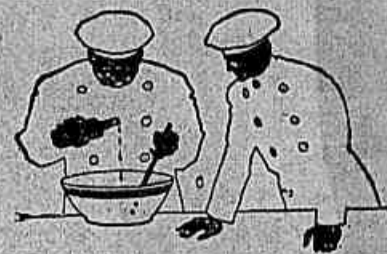
Não insistindo sobre quaisquer pontos outros de referencia ao poema do novel escriptor amazonense, com o testemunho do prefaciador d'*A Tragedia Divina*, o festejado romancista Carlos Vasconcellos, fechamos esta ligeira noticia de registro tão sómente do apparecimento de mais uma *plaque*te, e com ella a revelação de um poeta, um poeta em nada novo, — que as difficuldades do verso, decassylabo e alexandrino, as vence o Sr. Costa Victor sem grandes esforços, o que mais faz avultar seu merito, desde que se o saiba praticando o culto da "forma", com direitos, pois, ao rotulo e á etiqueta fornecidos litterariamente pelo "parnasianismo". E só.

Ha livros a sahir. Não vae muito tempo que um semanario carioca publicou longa lista de trabalhos litterarios a sahirem no anno corrente. Digno de louvor tal reportagem. No emtanto, visivelmente incompleta. Ha tanto livro a sahir!... E um unico exemplo: *Dynamica de Eros* (Pathologia Social), de Vinicio da Veiga. Embora seu titulo e a classificação a elle dada (?), será o trabalho de Vinicio digno de certo interesse. Para a *Dynamica de Eros* Corrêa Dias compoz artistica *couverture*. A edição do livro pertence á "America Companhia Editora".

Eis, para terminar, o indice da *Dynamica de Eros*: A Amante de Christo, O Macho Solitario, Fantoche d'orgia, Venus Espirita, A corrupção errante, O Eden dos Idyllios, A Menina da Pensão, O caminho do Incesto, Amôr de Velhos e Symphonia em Verde.



"A ILLUSTRACÃO" NO RIO GRANDE DO SUL — Mausoleu da familia Chaves Barcellos, trabalho do importante "atelier" de esculptura do Sr. Aloys Friedrichs em Porto Alegre, e erigido no Cemiterio d'essa capital.



TEM-SE perguntado qual é a razão porque são tantos os Molhos offerecidos com o nome de Worcestershire?

E' com a esperança de que os tomem como se fosse o verdadeiro, já que todos os detalhes do rótulo e do fraseo estão imitados com toda a exactidão sem infringir a lei.

Não peçam Worcestershire nem molho inglez. Peçam muito claramente: **Lea & Perrins**, e examinem o nome no rótulo e no envoltorio.

A assignatura em branco sobre rótulo vermelho:

Lea & Perrins

indica o verdadeiro Molho original de WORCESTERSHIRE.

ESCOLA BRAZILEIRA DE ODONTOLOGIA DO RIO DE JANEIRO

EST. DO RIO

ROBALINO de AMORIM MACEDO

PARAHYMPHO

DR. FRANCISCO BARBOSA MOREIRA MARTINS

EST. DO RIO

JOÃO SANTOS

RIO GRANDE DO SUL

MARCELLO PIRES CERVEIRA

HOMENAGEM

DR. ANTENOR PORTELLA SOARES

HOMENAGEM

DR. ALPHEO PORTELLA FERREIRA ALVES

HOMENAGEM

FRANCISCO de SALLES MOLHEIROS

PERNAMBUCO

ANTONIO GILBERTO dos SANTOS

D. FEDERAL

OSVALDO GOMES MALHEIRO

D. FEDERAL

DR. ANTENOR PORTELLA SOARES

D. FEDERAL

DR. ALPHEO PORTELLA FERREIRA ALVES

D. FEDERAL

FRANCISCO de SALLES MOLHEIROS

ALAGOAS

RAFAELIO CAVALCANTE dos SANTOS

P. DO RIO

PAULO TEIXEIRA

D. FEDERAL

HERNANI DIAS ESTEVES

D. FEDERAL

JOAQUIM ANTONIO LOPES FILHO

D. FEDERAL

EDGARDO NAZARETH

D. DO RIO

DR. CARLOS LIMA

D. DO RIO

ARNALDO FRAGA

D. DO RIO

ALICE MOURA FRAGA

GRADUANDOS DE 1914

PHOTO STUDIO HUBERT LIZO

Quadro de formatura dos cirurgiões-dentistas de 1914, pela Escola Brasileira de Odontologia do Rio de Janeiro.

Berço da raça humana

Não se permite mais duvidar de que os tempos antepassados existiam no período eocénico, embora não seja possível saber se pela sua evolução já mereciam o nome de homens. Muito provavelmente, essa designação não lhes cabia. Seja qual for a hypothese, cumpre admittir que nessa epocha remota a antiguidade se achava ainda, por assim dizer, no berço.

— Mas, onde era elle?
Hoeckel o suppõe na Asia Meridional. Quanto a Wallace, opina, sem hesitação, em favor do centro da Asia. Dous juizos ainda poderiam ser lembrados: o de Wagner e o de Darwin que, nesse particular, discordam essencialmente. Se o primeiro attribue á Europa o berço da raça humana, o segundo designa peremptoriamente a Africa.

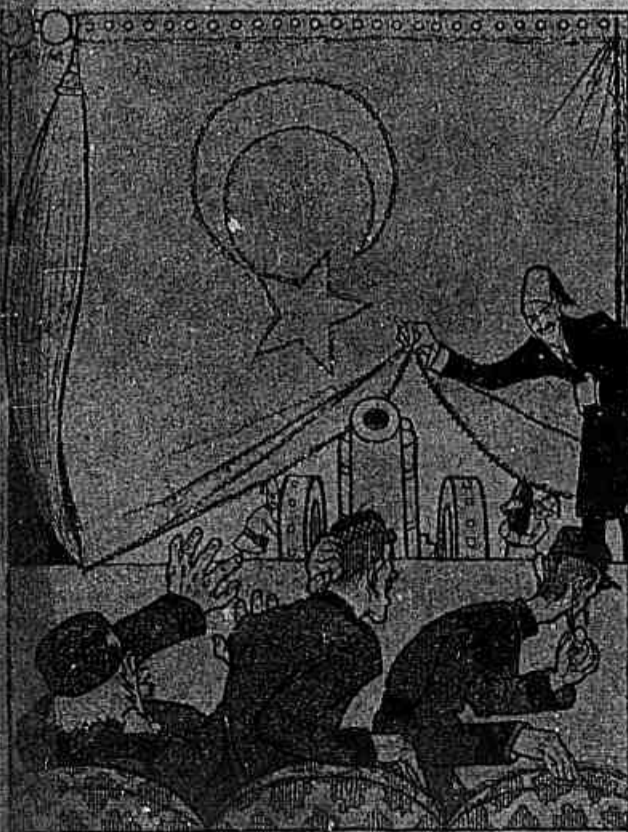
Se, contudo, levarmos em conta que o homem não progride em climas excessivamente torridos, ao passo que o contrario lhe succede, já ao ponto de vista physico, já no tocante á moral, quando elle vive em climas temperados; se, ao mesmo tempo, nos lembrarmos da intensidade que devia ter o calor na phase eocénica, isto é, ha quatro milhões de annos, teremos justificavel tendencia em admittir que, para achar o "habitat" mais adequado aos nossos remotos ascendentes, devemos dirigir as pesquisas para as regiões septentrionaes, onde a temperatura era, provavelmente, analogá á do sul da Europa.

Além d'isso, se o homem se houvesse desenvolvido nos tropicos, não teria sido encontrado tanto no norte como na Grã-Bretanha ou no valle do Somma, durante o período glacial, quando o frio impellia a flora e a fauna européa muito mais para o sul. Examinando os traços do "homem pré-historico", na extremidade do noroeste da Europa, os investigadores se revelam surprezados deante do numero e da importancia d'esses vestigios em confronto com os que se acham nas outras regiões da Europa, da Asia e da Africa.

E chegaram a suppôr que a raça humana procedia, precisamente, do noroeste da Europa. Mas, na America, se descobriram elementos que attestaram, com evidencia, a vida de uma população coeva á da Europa occidental ou talvez mais antiga. Ora, para se haver transportado da Europa á America ou vice-versa, o homem só poderia ter seguido dous caminhos: o do estreito de Bhering ou o das terras, hoje submersas, atravez da Islanda e da Groenlandia. E isso constitue um facto de capital importancia. Muito antes do período glacial, portanto, o homem se achava nas regiões arcticas ou nas proximidades d'ellas. Essa phase, cumpre recordar, durou de uma epocha que remonta a 240.000 annos até uma data calculada em 80.000 annos antes dos nossos dias.

Se a raça humana estava vizinha das

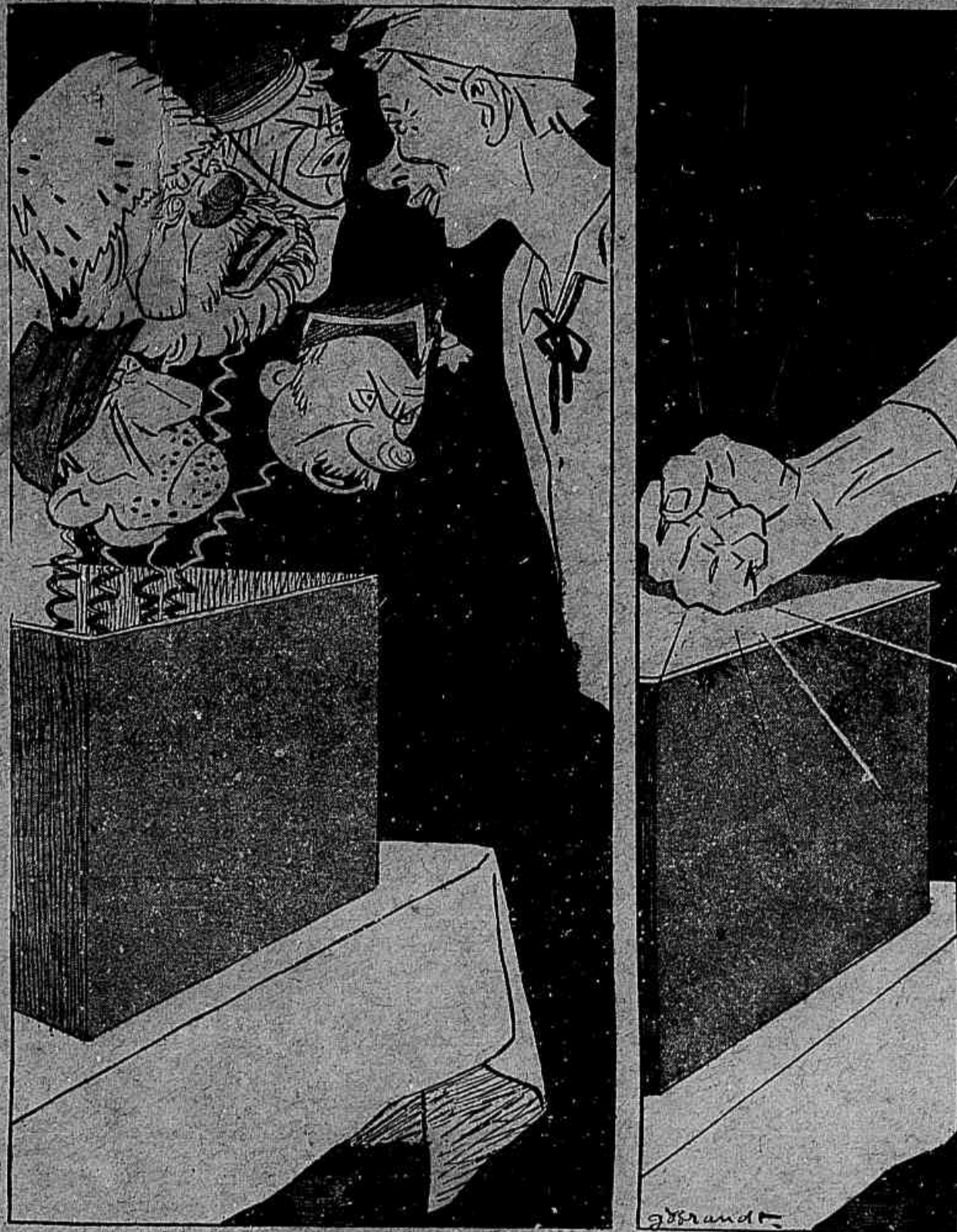
A CARICATURA E A GUERRA



A BANDEIRA DO PROPHETA—Um momento, meus senhores, a função vai começar.

(Do "Ulk", de Berlim)

A CARICATURA E A GUERRA



Michel teve uma grande surpresa, quando viu que da caixa saltavam quatro cartões ao mesmo tempo...

Por isto, Michel resolveu com um murro decisivo fechar de vez a caixa.

(Do "Kladderatsch", de Berlim)

regiões polares num tempo muito anterior áquelle de que offerecem testemunho os objectos de sílex descobertos na Grã-Bretanha ou no valle do Somma, nós nos vemos forçados a renunciar á hypothese de ter sido a Europa occidental o berço da humanidade.

Samuel Waddington, incontestavel autoridade no assumpto muito especial de que nos occupamos, julga que o homem se originou na faixa de terra comprehendida entre os montes Uraes, a oeste, e o estreito de Bhering, o mar de Okhotsk e a Mandchuria, a leste. Essa supposição, cumpre notar, coincide com a de Wallace, no conceito do qual o berço da raça humana foi a Asia, na sua região do centro. Sómente o Sr. Waddington colloca o ponto de origem da humanidade mais ao norte. Trez milhas separam os montes Uraes da Mandchuria; e, numa região tão extensa, a raça humana se pôde ter multiplicado durante largos seculos, antes de invadir os outros continentes. No período eocénico o clima e a temperatura eram ahí (segundo se pôde imaginar) sensivelmente identicos aos da França meridional. O homem poderia, pois, não só viver nessa região, como progredir e prosperar. Como os extremos confins d'essas terras tocavam a zona polar, ainda sob esse aspecto a hypothese de Samuel Waddington, não contraria as ideias dos que pensam que o homem provém dos pólos e não do equador. A proximidade do estreito de Bhering, pois, onde, provavelmente, existia outr'ora um istmo, offereceu ao homem a passagem para a America; e isso explicaria porque elle vivia no novo continente numa epocha anterior áquelle em que chegou á Europa occidental.

Depois, rapidamente, se espalhou na China. E deduz-se do singular e primitivo caracter da lingua ahí fallada, que não existe na terra outra raça mais antiga do que a chinesa, e foi, talvez, naquella vasta região asiatica que o genero humano começou a conhecer o uso da palavra.

A valsa e o tango, hontem e hoje

O cardeal Amette, arcebispo de Pariz, prohibiu, quando mais accessa ia a tangamania, a exquisita innovação choreographica — o tango — como sendo uma dança de perdição, exortando os confesores, os penitentes embaraçados a cingirem-se ás danças honestas, a valsa, por exemplo.

Até aqui nada de singular. O pastor verá seguirem suas ovelhas obedientes. Porque o tango, depois que o cardeal Amette o prohibiu, não mais foi dançado pelos *anges gardiens* para suas bem olhadas. Ha, porém, alguma cousa de interessante a tal respeito. E é o seguinte. Bisbilhoteiro *reporter* pariziense intrigado com as ordens do respeitavel arcebispo de Pariz, jurou a seus deuses de como tiraria algum proveito do caso. Foi feliz na satisfação o seu desejo. Assim, lhe cahiu entre as mãos um jornal pariziense, de 4 de julho de 1824. Era o *La Fleur de Lys*, publicando o seguinte, sob o titulo *Indecencia deploravel*:

"Uma dança chamada *walser* ou *walse*, vinda da Allemanha, vê augmentar o seu favor nas classes elevadas da sociedade. Alguns bailes tem havido recentemente nos salões aristocraticos, onde senhoras christãs, e muitas d'ellas mães de familia, têm dançado valsas nos braços de cavalheiros que eram para ellas uns estranhos. Os maridos viram assim as esposas que amam e respeitam, voltearem, apertadas estreitamente, por homens que não eram elles. Nós não ousamos descrever esta dança immoral e anti-social e constatamos com tristeza que essa conquista é defendida por aquelles que têm a obrigação de offerecer ao povo o exemplo da decencia e da virtude. Os prégadores receberam ordem para condemnar do alto do pulpito esta valsa que faz transtornar os espiritos, perturbar os corações e perder as almas."

E dizer que hoje a valsa é perfeitamente autorisada pelos mais intransigentes moralistas!

O peru e o dia de acção de graças

Existe nos Estados Unidos da America do Norte, um dia geral de regosio estabelecido por proclamação presidencial para observação e celebração de uma festividade religiosa em acção de graças ao Creador, pelas benções de uma seara generosa e abundante e pela prosperidade do povo, o qual é conhecido de uma extremidade do país, á outra, pelo nome de *Thanksgiving Day* (Dia de Acção de Graças). O pensamento do povo se acha este dia ligado com uma ave de grande tamanho e distinctamente americana, que não está caracterizada, nem pela atrevida ferocidade da aguia de guerra, nem pela placida humildade da pomba da paz, mas do ponto de vista estricito utilitarismo, talvez superior a ambas. Esta ave é o peru'.

Tal é o começo de um artigo interessante que, com referencia á festa mencionada e á preciosa ave, que abundante e prodigamente se sacrifica no dito dia, acaba de ser publicado na edição ingleza do *Boletim Mensal da União Pan-Americana*, de Washington, D. C.:

"O Dia de Acção de Graças, teve sua origem no coração da Colonia de Plymouth, que nas praias hospitaleiras da Nova Inglaterra fundaram, em 1620, os celebres peregrinos.

Foi pelo governador Bradford, da Colonia de Plymouth, que o *Thanksgiving Day* e o peru' entraram em relação e foi em 1621, quando elle designou o dia de acção de graças para a celebração da primeira seara, que os peregrinos haviam colhido. Esta foi abundante e rica e os colonos, então, mostraram-se religiosamente gratos pelas ricas benções que alcançaram, pelo que o governador despachou quatro homens, armados de espingardas, em busca de carne de aves para elevar o festejo, afim de que os colonos pudessem, reunidos, se regosiar de uma maneira mais especial. E ficou a ultima quinta-feira de Novembro designada pelo governador para o Dia de Acção de Graças.

O respeito a esta tradição nobre, tão arraigado nos povos de origem anglo-saxonia, causou que, de anno em anno, se fosse transmittindo até os nossos dias a grata recordação d'aquella festividade, a qual não se tem deixado de celebrar desde então, uma só vez. E assim, de norte a sul, de léste a oeste dos Estados Unidos, na ultima quinta-feira de Novembro, o peru' reina sobre as mesas de festins, embora seja preciso morrer para este fim.

O peru' era uma ave predilecta dos habitantes aborigenes da America, o qual vivia em todas as partes em que se cultivava o seu elemento favorito, o milho da India. Quando Cortéz, em 1519, alcançou o reino dos aztecas, Montzuma

A CARICATURA E A GUERRA



DIALOGO RUSSO, ANTES DE UMA BATALHA

— Quem cuida de vocês, filhinhos? Quem dá a vocês boa comida e bebida?
— Pae Hindenburg, Sr. general!

(Do "Jugend", de Munich)

A QUINZENA CÔMICA (por Kalixto)



A temperatura á sombra assombra! A "humanidade" carioca, entre um refresco e um sorvete, se derrete e se liquida, tal qual nas eleições se liquida a bico de penna a liberdade do voto que o povo tem o direito de reclamar... a poeira, que de par com os microbios dança um "low-stepe" tão macabro... que os espectadores de embrulho com elles cahem fulminados na via publica sem uma gotta d'agua! Insolados e isolados pela irrigação que não lhes volta as costas com a mesma rapidez com que os autos officiaes voltam ao serviço publico e particular, os cariocas esperam por melhores dias, e enquanto isso não acontece vão sufragando o corpo e a alma ao barulhento Momo.

entretive com magnificencia real e os melhores manjares e iguarias do Imperio foram postos perante os invasores hespanhães, sendo peru' assado, o principal de todos. Foi então que, pela primeira vez, os hespanhães saborearam este prato excelente e viram immensidades de perús domesticos, pois no Mexico eram mais comuns que qualquer outra ave. Os aztecas haviam domesticado esta ave consideravelmente, mas havia abundancia d'ella no estado bravo. Os indios *zuniis* conheceram o peru' desde os tempos mais remotos da sua historia, cujas tradições se referem a esta ave interessante.

O peru' selvagem da America é, sem duvida alguma, o progenitor das demais especies desta ave, que existe por toda a parte do mundo. Os ornithologistas acceitam a opinião geral, de que todos os perús descendem das tres qualidades conhecidas actualmente por norte-americana (*Meleagris americana*), mexicana (*Meleagris mexicana*), e hondurana (*Meleagris ocellata*). Ha uma ave na America do Sul, principalmente no Peru' que chamam peru', mas não é realmente peru', embora se pareça com este em alguns pontos. Do ponto de vista do ornithologo, esta ave pertence a outra familia.

O peru' das Honduras se acha hoje espalhado por toda a America Central. A ave é summamente bravia e voa mais livremente do que os primos do norte. As cores da sua plumagem são mais lindas que as de toda a familia. Este peru' não pôde ser criado com exito fóra do seu torrão natal.

Ha outras qualidades de perús, reconhecidas pelos criadores, mas na realidade são apenas aves mais altamente desenvolvidas, com signaes peculiares. Taes são o peru' de crista e o peru' branco, raças bem conhecidas a saber: a Bronze, a Narragansett, Buff, Pizarra, Branca e Preta. Nos ultimos, a raça branca tem se tornado bem conhecida, em virtude do desenvolvimento que tem feito, até que actualmente occupa o terceiro lugar entre os criadores.

Embora seja o peru' uma ave domestica, é amigo da liberdade e soffre quando se vê privado d'ella. Para se obterem bons resultados é necessario que seja criado com bastante liberdade e em amplo espaço, onde possa vagar, procurar o proprio alimento e agasalhar-se. A mesma raça não deve ser propagada entre si mesma.

Nos Estados Unidos, o peru' é considerado um prato indispensavel nos dias de festa e feriados, principalmente durante as festas do Natal e Dia de Acção de Graças, quando os mercados estão cheios das pobres victimas, até mesmo as ruas onde se acham expostas á venda. Nestas occasiões os preços sobem, pois são raras as pessoas que não gosam d'este bocado delicado, a ave americana.

se com cuidado e quando o licór toma a consistencia de um xarope, filtra-se e vasa-se nas fórmãs ou moldes.

O assucar assim obtido tem o mesmo aspecto as mesmas propriedades do assucar de canna e como este tambem pôde ser refinado.

As epidemias da guerra

As molestias epidemicas, que se têm sempre manifestado nas guerras prolongadas, representam o mais terrivel inimigo dos exercitos combatentes.

Os mais valorosos soldados, favorecidos pela victoria, se viram aniquillados perante as epidemias, como mostra a historia de todos os tempos e de todos os paizes.

No anno 24, antes da era christã, a marcha do "condottiero" romano Elio Gallo, do Egypto para a Arabia, miseravelmente terminou, por ter sido o seu exercito, na maior parte, destruido pelas doencas. No anno 555, os germanos, depois da tomada de Roma, foram obrigados a recuar, em consequencia das epidemias que dizimavam as suas fileiras.

O exercito das Cruzadas, sob o commando de Godofredo de Bouillon, contava 700 mil homens a 15 de agosto de 1096, quando iniciou a campanha: ao atravessar a Asia Menor, em Maio de 1097, achava-se reduzido a 400 mil soldados, e essas forças não se compunham de mais de 20 mil combatentes, quando, depois de varias batalhas e de continuas epidemias, chegou a Jerusalém, a 6 de Maio de 1099.

Na idade média, eram principalmente a peste o typho que mais consideraveis estragos faziam entre as populações europeas e tambem nos exercitos.

Só na Allemanha succumbiram 1.250.000 pessoas de peste bubonica, que no seculo XIV foi importada da China pelas caravanas, sob o nome de "morte negra".

Em 1528, um exercito francez perdeu, deante de Napoles, 30 mil homens victimados pelo typho.

Durante a guerra dos Trinta Annos, além das duas molestias citadas, intervieram a variola, e a malária.

A fortuna militar de Napoleão foi grandemente contrariada pelas epidemias. No Egypto, a dysenteria matou 2.500 dos seus soldados; na Russia, quatro quintos das suas forças foram destruidos pelo typho.

Não foram mais favorecidos os inglezes nas Indias: em 1817, na provincia de Bengala, a divisão do general Hasting foi quasi inteiramente dizimada pelo cholera.

Nos tempos modernos, as perdas soffridas pelos exercitos, em consequencia de molestias, não têm sido menos numerosas.

Na guerra da Criméa, o sitio de Sebastopol, que durou de 9 de Outubro de 1854 até á primavera de 1855, cessou em virtude das epidemias que atacaram os soldados francezes, inglezes e turcos, epidemias provocadas pela má nutrição e pelas intemperies. Somente a intervenção de reforços consideraveis poude permitir a continuacão da campanha. O exercito francez perdeu, no periodo d'essa guerra,

memoravel, mais de 75 mil homens, victimados do cholera, da malária e do typho.

Na guerra americana de Seces (1859 a 1863), contaram-se 287 mil casos de molestias com 10 mil mortos.

O exercito prussiano, durante a campanha de 1866 na Bohemia, perdeu 6.427 homens, que não resistiram ao cholera. Na guerra de 1870-1871, contra a França, as tropas prussianas tiveram 75 mil casos de typho e 5.000 de variola.

Mesmo na guerra hispano-americana de 1898, que tão pouco durou, as victimas de malária e da febre amarella foram seis vezes mais numerosas do que as que cahiram no campo de batalha.

Na guerra anglo-boer (1899-1901), o exercito inglez perdeu seis e meio por cento dos seus combatentes por ferimentos e 44 e meio por cento em consequencia de molestias.

Esses algarismos demonstram que na guerra as epidemias matam mais do que as armas.

Essas enormes perdas eram possiveis, porque os medicos e as autoridades militares não dispunham de elementos para lutar contra as molestias. As descobertas de Jenner, Kock, Pasteur e outros bacteriologos forneceram efficazes meios de combater o mal.

Um laboratorio higienico-quimico, a qual é addido um especialista bacteriologo, acompanha cada regimento allemão. Barracas especiaes são destinadas a isolar os soldados que manifestam symptomãs de molestia infecciosa.

O exercito russo possuia uma excellente organização sanitaria na campanha contra o Japão; e isso deu tão brilhantes resultados que é permitido suppor que, com os recursos da sciencia moderna, será sempre possivel evitar a propagação das epidemias entre as tropas belligerantes.

A CARICATURA E A GUERRA



A FRANÇA: — Meu Deus, Papá Noel deixou este anno o meu sapato completamente vazio!

(Do "Ulk", de Berlim)

A arvore do assucar

A arvore do assucar é muito conhecida na Europa e contam-se d'ella mais de doze especies. Cresce muito rapidamente e é muito apreciada por causa da sua folhagem para ornamentação de parques e jardins.

Certas variedades offerecem uma particularidade interessante: sua seiva é muito carregada de assucar, que se pôde extrahir facilmente. O falso platanô ou sycomorô entra nesta categoria e a tal ponto que já está estabelecido que, em uma colheita de um milhar de pés de sycomoros pôdem ser extrahidas cerca de quinhentas libras de assucar.

Na America do Norte e Canadá a seiva das arvores do assucar é ainda mais assucarada e em certas regiões os habitantes recolhem essa seiva de que fazem o assucar para seu uso pessoal em concorrência com o assucar de canna e beterraba. Comtudo, estes assucares não são prejudicados pelo da arvore do assucar, porque nunca foi permitido que se lançassem no mercado.

No Canadá, uma arvore de assucar produz, termo médio, quatro a cinco libras de peso de assucar e a colheita faz-se nos primeiros dias de Março, tempo em que a seiva está em movimento.

Para a colheita da seiva, que produz o assucar, fazem-se nas arvores buracos um pouco obliquos para facilitar o escoamento. Esses buracos são feitos no tronco e perto do sólo. Adapta-se a cada um d'elles um canudo, que conduz a seiva, para uma vasilha. Quando esta está cheia, procede-se á evaporação da agua contida na seiva por meio de aquecimento, a fogo activo. Escuma-

A CARICATURA E A GUERRA



Um prodigioso cacique de indios americanos offerece o seu concurso á Inglaterra. Elle pretende, a laço, caçar recrutas nas ruas de Londres...

(Do "Berliner Illustrirte Zeitung", de Berlim).